

“ORIGINALIDADE” E TRANSMISSÃO ORAL



Professora responsável: Maria Julia Pascale

Universidade Federal do Pará

Belém do Pará

“ORIGINALIDADE” E TRANSMISSÃO ORAL

Tema: Mitologia e Realidade Próxima

(Os habitantes de regiões não-urbanas, em contato próximo com a natureza, vivem mais integrados à sua origem mitológica).

Objetivos gerais:

1. Levantar as formas de narrativa que compõe o imaginário dos habitantes das comunidades ribeirinhas.
2. Como elas são transmitidas.
3. Qual a relação dessas formas de narrativa com a realidade imediata dos habitantes destas regiões.

Objetivos específicos:

1. Investigar como se dá a transmissão oral na comunidade ribeirinha.
2. Levantar os mitos e histórias contadas pelos moradores.
3. Identificar versões diferentes segundo localização geográfica e idade, posição social e origem.
4. Identificar os signos não verbais que acompanham a narrativa.
5. Verificar se a variação temática e a maneira de contar trazem indícios da realidade imediata dos habitantes das regiões ribeirinhas.
6. Observar como se dá e como se mantém o ritual de contar histórias.

Metodologia:

1. Coleta de lendas e histórias através de gravação.
2. Observação de Campo (gestualidade, sociabilidade, ritualização e presentidade).
3. Coleta de material sobre as formas de reprodução da sobrevivência dos habitantes.
4. Comparação entre os dados da realidade com temas das histórias e lendas e seus respectivos contadores.

Professora responsável: Maria Julia Pascale:

Considero que há um “oriente” bem aqui no norte do Brasil. Lá vivem os habitantes das regiões ribeirinhas, pessoas que compartilham o estado de harmonia com o Cosmos. A natureza vibra em todos os seus gestos, em todas as suas células. É a comunhão, sem questionamento. E resgatar essa sabedoria é a grande meta deste projeto.

"Na visão oriental do mundo... a divisão da natureza em objetos separados está longe de ser fundamental e tais objetos possui um caráter fluído e em eterna mudança. A visão oriental do mundo é, pois, intrinsecamente dinâmicas, contendo o tempo e a mudança como características fundamentais. O cosmo é visto como uma realidade inseparável, em eterno movimento, vivo, orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo." (Capra, Fritjof, op. cit, p. 26).

Sinto que estas mesmas premissas estão latentes nos valores arquetipiais do homem brasileiro, especialmente os que vivem em maior contato com a natureza e mais distantes do eixo dominador das relações capitalistas de produção. Entre os quais o encontramos os habitantes das regiões ribeirinhas da Amazônia Paraense.

“A evolução humana avançou depressa demais; seus processos transformaram-se por demais complicados para seu próprio bem, mas é possível simplificar-los. A consciência pode ser voltada para dentro, para a compreensão dos processos vitais e dos movimentos da evolução. O principal inimigo da vida não é a morte, mas o esquecimento...” (Wilson, Colin – O Oculto, volume II, Francisco Alves, RJ, 1981). O homem do terceiro mundo saiu do seu “estado original” há pouco tempo. Por isso, se torna possível a relembração, o retocar. A arte é o espaço deste ato.

PESQUISA: AS FORMAS SIMPLES DA NARRATIVA E IMAGINÁRIO DA
AMAZÔNIA PARAENSE

Informante: Cosme

Idade: 41 anos

CÓD: 058

Formação: 2º Grau Completo

Profissão: motorista

Origem: Orem

Endereço: Trav. 3N-H – nº 364 – Nova Marambaia
Gleba –J-

Informante: Pedro Pereira Pinto

Idade:

CÓD: 059

Formação: 1º Grau Completo

Profissão: Marinheiro

Origem:

Endereço: Rua W-E-4, nº 522 – Nova Marambaia
Gleba: -J-

Entrevistador: Maria Emília M. Sandim

Instituição: UFPA

Data: 16/05/93

Narrativa: L01CZma – 16/05/93 - I

Eu tenho muitas histórias da minha infância, desde minha infância, né, até agora aqui ainda parece muitas histórias para contar, com por exemplo a da minha infância na época que eu era solteiro que morava no interior. _ Qual era o interior? Orem propriamente dito no hemisfério de Orem no arraial de coute. Então numa ocasião eu fui para uma festa, eu e os colegas inclusive irmãos e irmãs minhas, esta festa era de uma pessoa parenta nossa inclusive são compadre do papai e a festa muito movimentada que se tinha na época não sei se ainda hoje tem é, é aquela tradição era muito movimentada, né, inclusive festa de São João também todo ano eles davam, e uma ocasião numa festa que eu me desloquei era por volta de 2h da madrugada mais ou menos na entrada, é apareceu aquela bola de fogo e todo mundo dizia que era visagem, eu na época talvez nem me lembrava daquilo como seria hoje que lembro na realidade né, da vida porque eu era jovem né, não tinha a experiência que eu tenho hoje, eu encarava também como uma realidade de uma visagem, né, mas hoje já (zen) diferente, aquilo seria espírito em busca de uma ajuda né, esta ajuda que seria esta ajuda? De uma oração de uma reza prá ela, né, e quantas pessoas usava muito esta frase diz assim: "Quem é pode mais do que Deus", aquela visagem aquela bola de fogo então desaparecia. _ Vocês falavam? _ É vocês cantavam? Não ninguém cantava, ninguém se mexia ficava todo mundo parado no meio da estrada, todo mundo com medo lógico, no escuro às vés lua era época de luar, tudo bem, mas (na hora) era só escuro (ora) mas muita gente usava lanterna, né naquela época usava lanterna no interior pra clarear às vezes uma, um bicho uma coisa que (a gente via perigoso) tinha um pouco de claridade né, mas era muito pouco então usava lanterna, outro que ia de bicicleta usava o farol da bicicleta, mas todo mundo andando, o farol não eliminava tão bem, outros iam namorando com a bicicleta ligada com o dínamo né, dínamo como é o nome daquilo aquele aparelho elétrico né, que através do movimento da bicicleta ele gira em torno do pneu e gera luz. _ Sim antes o senhor estava me falando que o senhor foi numa festa. É sim bom então né, na volta de madrugada, apareceu aquele vulto esse vulto todo mundo ficava com medo, até eu mesmo ficava com medo que não sabia o que era né, então aquelas pessoas mais idosas iam e diziam "Quem é que pode mais que Deus" aí aquela bola de fogo desaparecia atrás, aí com uma distância de

150 a 200 metros andando ela já aparecia lá na frente quer dizer era outro tipo de medo que a gente tinha porque quando aparecia atrás tudo bem, mas lá na frente para a gente passar por ela quer dizer o medo crescia né, o medo crescia, então o que é que a gente fazia? A gente parava para ver se essa bola de fogo se distanciava, muitas vezes ela se aproximava da gente, aí com aquela aproximação, ela ia se propagando, se propagando, se propagando até acabar, e aí muitas dessas vezes eu vi, outras vezes vi contar que aquela luz tornou a aparecer para outras pessoas e a gente teve uma época que nós não íamos mais para estas festas com medo daquela bola de fogo né, que podia atacar a gente aquele medo do interior aquele pessoal do interior, naquela época tinha muito medo dessas coisas então da beira da estrada tinha um cupim num talo assim em terra, então diziam que aquilo era dinheiro enterrado que tinha ali dentro, aquelas histórias que o pessoal contava e que aquilo eram pessoas que já morreu há muito tempo, que tinham muito dinheiro, às vezes jóias preciosas, às vezes moedas preciosas enterravam ali, e dali que saía aquela bola de fogo, que era justamente a pessoa que fez aquele enterro ali de objetos antigos e saíram então dali de dentro aquela, aquela bola de fogo, eu nunca presenciei isso, o pessoal mais antigo que conta essa história mas eu nunca sei da realidade se realmente sairia dali ou não.

Narrativa: 058 – L01CZma – 16/05/93-II

Agora tem outras histórias que eu posso contar, quando eu saí para namorar só eu sempre gostei de andar só apesar de eu ter nascido com outro, porque sou gêmeo, eu sempre gostei de andar só, mas sempre com aquele medo, eu sempre fui medroso, mais aquela vontade de namorar, quando comecei a namorar eu saía lá do interior de onde eu morava, lá para esse povoado que o nome é Arraial do Caeté, que é município de Orem. Muitas vezes eu saía de lá nove horas nove e meia e vi muitas e muitas vezes vultos pela minha frente e eu tinha medo, dava vontade de voltar e eu é, muitas vezes eu ia a cavalo, o cavalo do meu pai e o cavalo muitas vezes também se espantava com aquilo né, eu ia bem tranquilo e às vezes atravessava dois Igarapé e o cavalo se assustava, uma ocasião eu cai do cavalo à noite e fiquei apavorado procurando o cavalo no escuro no caminho e o cavalo estava pulando dando coice no ar e eu fiquei apavorado sabe de uma cobra um inseto qualquer me ferrar e eu por lá ficar, porque tem muitas vezes que o inseto, como por exemplo aquela tucandeira uma formiga grande preta quando dá ferra a pessoa, ela dói 24h e no local onde ela ferra muitas vezes a pessoa fica com uma mancha preta e às vezes até aleja, como a tucandeira tem a macacandu que é uma aranha grande de perna longa que quando ela vê a pessoa ela fica em pé (e a ponto de pular a pessoa), se arma todinha ela tem uma (duas) patas de caranguejo na frente quando ela se prepara para dar o bote¹ ela dá o bote também (feito) cobra ela abre aquelas patas e também para ferrar a pessoa, cobra como por exemplo.

Tucandeira (formiga)

Macacandu (aranha)

¹ Atacar.

Narrativa: 058 – L01CZma – 16/05/93-III

Eu gostava de pescar à noite, eu ia com a poranga, no interior dá o nome de poranga, é uma lata de leite ninho, abre ela no meio prega ela numa tábua e prega um varão assim pra gente segurar pega a lamparina coloca na frente. Ali pode dar o vendaval que for mas ela não se apaga porque aquela, aquela banda da lata que fica atrás é a proteção dela pra não apagar, então no mato tem uma cobra por nome, meu deus como é o nome dessa cobra? É a Cascavel, a Cascavel ela tem um macaco na ponta do rabo, quando ela vê a pessoa pela balança aquela maraca TI, TI, TI, TI, TI, TI. É um aviso que ela tá dando pra pessoa não se aproximar dela porque ela, vem e joga o bote quando é muito grande ela lança a pessoa ela, quando ela dá de 2 metros e meio a três ela come uma galinha inteira é, ela tem uma, uma, uma assim perto da cabeça dela, que quando ela vê a pessoa ela tufa aquilo já esperando, uma coisa qualquer que ela pegue para poder comer, ela já passa por ali por aquela bola que cresce, então na ponta do rabo, ela tem aquele maraca é justamente o aviso que ela dá pra pessoa não se aproximar, então a noite com essa lamparina essa poranga, dá o nome de poranga ela vem pra cima da lâmpada da luz, ela ela não pode ver luz a noite, de dia ela tá enroladinha, tá toda muquiada não mexe com ninguém só vai mexer se a gente for lá e mexer com ela, aí ela parte em cima da gente que ela é muito valente, mas à noite é costume da gente ir assim, pro Igarapé, se ela ver aquela luz mesmo de lanterna ela dá o sinalzinho dela do maraca pra pessoa não se aproximar, que ela é muito feroz essa cobra muito venenosa então numa ocasião eu fui fazer uma pescaria só eu tava pertinho lá de casa para o Igarapé é o Rio Caeté que despeja no Bragança então na ocasião eu fui, cheguei com a poranga na beira do rio, botei a poranga em cima da ponte e fui pescar, sentei na, na, na beira da ponte fumei um cigarro e tal aí eu vi aquele chiadozinho em cima da ponte (ai eita) isso aí é uma cobra que tá aí perto quer ver eu vou já apagar a lâmpada pequei apaguei a luz, fiquei lá no escuro, aí eu me arrepiei todinho né, com medo só eu aí pó mas se eu pego o peixe agora como é que eu vou trazer aqui pra cima da ponte no escuro, vou ter que acender a luz, não demorou, demorou dez minutos o peixe pegou no anzol, aí eu puxei devagarzinho, puxei pra cima da ponte botei dentro de uma cesta de guarumã que papai fazia (o pessoal lá fazia cesta de guarumã) a gente botava dentro o peixe e fechava né, aí foi que (olhei)

tornei a botar o anzol de novo a luz não tava acesa aí ti, ti, ti, ti, ti, ir vou já parar de pescar aí eu dei a volta tirei o anzol de dentro da água, dei a volta fui lá pelo outro lado, botei o anzol lá, bom vou deixar aqui e amanhã venho aqui (despesco) se tiver alguma coisa tudo bem se não tiver vou embora, quando eu dei a volta pelo outro lado da ponte, ela tava em cima da ponte espichada em cima da ponte esperando alguém passar por ali pra jogar o bote, ela fica, ela tem uns 3 metros, como é, uns três palmos do chão ela fica alta é justamente para ela tem o apoio para se jogar na gente, aí peguei fui embora para casa cheguei em casa e falei pra mamãe, eu vim embora e peguei só um peixe, é uma Traíra de quase um quilo e meio essa Traíra que era o almoço do dia seguinte, que a gente ia comer né, aí ela disse _ e o anzol? Eu deixei lá no Rio, tinha uma cobra em cima da ponte mãe, aí eu peguei e vim embora só tava eu - É amanhã não tem que ir lá a mamãe tinha muito cuidado com a gente quando fosse para o rio só à noite com a poranga, porque é muito perigoso e principalmente ali naquela região onde eu nasci que é a região do arraial do Caeté.

Cascavel: Ti, ti, ti – aviso maraca – som de aviso

Poranga: lamparina

Narrativa: 058 – L01CZma – 16/05/93-IV

Aquela região (Caeté) é muito perigosa tem muita mata por ali, ainda virgem, tem muito inseto perigoso por ali e tem outros tipos de bichos, caça do mato por nome de Catitu, quando a gente ia caçar eu e meu irmão João nós encontramos muitas vezes por Catitu, quando a gente encontrava assim um rebanho dele a gente trepava² numa árvore, porque ele não trepa em árvore é um porco do mato, chama-se Catitu ele é perigoso esse bicho, e uma vez eu saindo para caçar com meu irmão, nós encontramos com dois, sempre andando de quatro ou cinco um atrás do outro, ou, talvez o pai e a mãe vai na frente os filhos vão todos atrás, um atrás do outro fila indiana né, aí uma ocasião nós fomos caçar em eu meu irmão nos encontramos com esse bicho aí ele foi e me avisou Cosmo aqui tem o Catitu passou por aqui, tá fedendo, que ele deixa uma catingzinha no mato onde ele passa e por aqui perto tem Catitu tem cuidado, aí ele pegou a espingarda botou cartucho dentro (botou-se armado) se ele se aproximar se dava logo um tiro nele, terminou de colocar o cartucho na espingarda o bicho apareceu aí, tocou-lhe fogo nele, deu um tiro nele e acertou só no, no () aí se espalharam foram embora. Aí nós tínhamos um cachorro bonito que ele só atendia com um assopro que a gente, a gente pegava assim na mão esse, esse, esse sopro a gente da na mata ele longe, ecoa dois, três quilômetros (Uuuuuuuuuuonde ele tivesse ele vinha tivesse lá em casa, tivesse dentro da mata ele vinha onde ele, aí a gente continuava com aquele sopro, continuava... para ir marcando o rumo onde a gente estava aí ele ia bater³ em cima aí quando ele chegou ele sentiu logo a caatinga do porco, aí ele foi embora aí lá na frente ele começou a granir⁴, granir, granir, granir aí era um porco, que estava aquado dava um nome, interior de aquado é um cachorro aquano uma caça qualquer, aí fica ali, aí chegamos lá ele pegou o cartucho e acabou de matar o bicho mas a gente no interior quase não gosta do Catitu que é uma carne muito seca ela deixa um petiu por mais que a gente escale ela ela fica petiu, e tem outras e outros histórias que é bom a gente estar um pouco inspirado pra lembrar das histórias que a gente tem, como outra também.

² Subir.

³ Chegar.

⁴ Latir.

Narrativa: 058 – L01CZma – 16/05/93-V

Quando eu era jovem na época jovem que eu tinha o que um 25 anos mais ou menos eu me sentia muito jovem () ainda vou fazer 41 me sinto muito jovem ainda. Eu fui numa festa na época eu trabalhava na Mendes Junior, ficava na divisa de Goiás no Maranhão então teve uma festa de confraternização nossa, e lá era uma festa de, de era uma boate, boate familiar né, então nós távamos tomando todo mundo alegre satisfeito, dançando tal, aí apareceu um rapaz bonito branco, todo vestido de branco e com um pau grosso na costa, né e chegou arriou⁵ o pau no meio do salão, aí todo mundo ficou admirado, que negócio é esse, esse cara tá doido? () Deixou o pau lá, e sentou lá na mesa pediu uma cerveja, o cara veio o garçom lá, que tava servindo foi chegou e disse assim disse por que você deixou esse pau aí no meio. Eu não deixei pau nenhum aí no meio não, eu ouvi quando ele falou, muitas vezes as pessoas dizem que isso é lenda, não é nada de lenda eu ouvi () chamou uma dama lá pra dançar, foi dançar com ela, essa menina ela ficou traumatizado depois que sabe do negócio né, quando ele deixou, quando terminou a parte que ele foi sentar, simplesmente ele desapareceu esse rapaz a cerveja ficou em cima da mesa e eu por minha vez fiquei com medo daquilo e me afastei () e lá tem um, lá próximo da boate tem o rio Tocantins que corta que faz a divisa de Goiás com Maranhão, aí o pessoal foi disse assim, disse isso aí é um boto que tava aí, disse boto a pessoa que trabalha lá que mora por ali, por aquela região, isso era o boto que estava aí que desapareceu por que o boto é encantado né. _ E o pau? O pau ficou lá, o pau ficou lá aí depois o pessoal tirou o pau botou lá para fora e ficou aquele comentário lá dentro, o que é isso, o que é isso, aí tinha um senhor lá e disse assim disse, olha isso aí é um boto que estava aqui, todo mundo admirou esse, essa pessoa que chegou com aquele pau todo branco, rapaz bonito decente bem parecido bem vestido parece assim um marinheiro, sai foi embora ninguém viu como ele desapareceu; E outras pessoas lá falaram que já tinha acontecido outras dessas em outras festas da mesma natureza que aconteceu nessa festa que nós estávamos. E outras e outras histórias que surgem com o tempo, tempo da gente, passa pra cá, passa pra lá, trabalha aqui trabalha acolá, e a gente vai encontrando pessoas que sabem de mais histórias como é dessas que eu vi né, e eu acredito que eu tenho ainda

⁵ Jogou.

muitas histórias que ei de ver ainda até o dia que Deus quiser, me der vida em cima da terra, como outras histórias que eu já vi.

Narrativa: 058 – L01CZma – 16/05/93-VI

Como outras histórias do interior do pau-de-arara né, não sei se vai lhe interessar a história do pau-de-arara, na época 30 anos atrás 25 anos mais ou menos o transporte para o interior era medíocre demais era só caminhão pau-de-arara que chamava naquela época, olha tu vai de pau-de-arara, hoje é difícil a pessoa vê isso falar, eu vou de pau-de-arara, não eu vou de ônibus o que tem mais é ônibus, mais esse pessoal que traz a farinha do interior para cá tudo é de pau-de-arara, só que esse () o propriamente pau-de-arara não é esse que traz a farinha, o pessoal já acostumou né aquele pau-de-arara no interior tal, o pau-de-arara propriamente dito é aquele que tem a coberta por cima uma taboazinha () miudinha bem forradinha com uma coluna assim do lado tem uns () bonitinho bem arrumado e tinha uns bancos assim, tinha aproximadamente o quê? Uns dez bancos paralelos um ou outro e as pessoas sentavam um do lado do outro assim tipo aqueles bancos do INPS quando vai esperar a vez dele né, e quando chegava nos chegávamos quando, nós íamos do arraial para Orem esse, essa linha que esse senhor fazia hoje ainda, a semana passada eu tive em Capanema eu falei com o filho dele, não consegui falar com ele, chama-se Basileu um pretinho da cabeça seca, gente fina demais, nós queremos muito bem aquele senhor ele tinha esse caminhão pau-de-arara, ele fazia o horário de Capanema a Orem todo santo dia, então quando o a gente ia para Orem sábado à tarde e domingo no horário dele quando chegava lá próximo de Orem, tem, tem uma, uma curva e uma descida então ele encostava o carro no, no acostamento da estrada né, e lá ele dizia assim pronto furou o pneu do carro, aí todo mundo já sabia que era pra coçar o bolso né pra tirar pra pagar ele, lá ele antes de chegar à Orem, o pessoal chegava ficava por ali ia pagar sua passagem, naquela época a passagem eu me lembro até hoje custava 2000 cruzeiros de Orem a Capanema onde sei lá () e virou cruzado, já virou cruzeiro de novo e a gente não sabe até onde vai e agora já tem, tem outro projeto aí pra, pra tirar mais 3 zero que está complicando as máquinas que já não tem mais onde botar zeros e assim por diante na volta de Orem, já antes de chegar lá em Capanema, na proporção que ia descendo aquelas pessoas, chegava lá com ele lá, lá na boléia, hoje é cabine que as pessoas chamam a cabine do carro, naquela época ninguém sabia o que era cabine, era boléia, aí chegava lá na boléia quando é Basileiro é tanto, ele chegava pagava lá muitos

deles usavam uma, um tipo uma esfera assim, com um negócio de um bilheteinho pra marcar a passagem pra quando chegar lá em Capanema lá, no, no, no final da linha dele, ele pegava tirava (aquilo e) via quanto era que tava marcando aqui naquela numeração dele vê quantas passagens tinha feito no horário dele né, ele usava, mas antes de chegar em Capanema ali pelo aproximadamente mais ou menos ali pela fábrica de cimento ele fazia a parada dele, antes de chegar em Capanema pra dizer; Olha furou o pneu, ou então usa muitas vezes ele era muito brincalhão né, e ele não morreu, ele dizia assim, quem é que tá com o bolso furado aí e aquele lá que tivesse com o bolso furado é que não tem dinheiro pra pagar, acontecia aquele pessoal né pobrezinho não tinha nada mesmo de chegava () e muitas vezes acanhado chegava e pedia uma passagem para ele, ele nunca negou, eu nunca vi, chegava dizia olha me dê uma passagem que eu tô liso e tal assim, assim eu não tenho nada e tô indo Orem resolver um problema, dizia sobre aí no pau-de-arara aí chegava lá dizia assim pronto furou o pneu, tem alguém aí de bolso furado, que o, o bolso furado é para ver se tava alguém liso pra não pagar a passagem, acanhado de chegar e dizer pra ele que estava liso né e outras e outras histórias Emilia que eu gostaria de, de contar pra ti, com o passar tempo a gente vai esquecendo muitas histórias.

Narrativa: L01CZma – 16/05/93-I

No meu tempo na, na minha adolescência pra minha juventude, fui criado na, no interior então o que eu tenho que contar é justamente uma realidade é que na cidade pode ser uma lei, então é o seguinte quando estava no interior com os meus pais que iam trabalhar na roça eles sempre deixavam a gente pra ir levar o alimento, levar a merenda das 9h, levar o almoço, aí a gente abria aquela vareda no caminho porque a gente não tinha comércio porque não tinha dinheiro era o mato, então o mercado da gente era a terra. _ E qual era o interior? São Miguel do Guama então a gente entrava de mato adentro como garoto a partir de 10 anos de idade seis anos fazia aquela arapuca aquela vareda dentro da mata (e pega um maço) uns quadrinhos de pau e bota um tipo de alimento que é para pegar o bicho para pegar o pássaro e se alimentar e qualquer tipo de caça, depende da armadilha quando é caça grande é armadilha, aí a gente como era garoto aí entrava e aonde aconteceu comigo como vários parentes meus lá da gente fazer aquela vareda e armando aqueles, aquela que se chama arapuca para pegar os pássaros mas quando a curupira estava naquele problema muita gente () mas é verídico uma vez eu passei dois dias no mato perdido então esses dois dias ela pegava e me maltratou muito eu apanhei, fiquei olhando pros cantos via as coisas tudo igual voltava pelo mesmo caminho andava quase 1h, quando eu pensava eu tava sentindo que estava quase perto, de quando eu parava pra me concentrar eu tava mesmo no mesmo lugar. _ Mas o senhor via a... isso aconteceu comigo como vários parentes meus e amigos por lá, e os pais tinham muito cuidado com a criança porque não era preparado para entrar no mato eles tinham () que eu como garoto então não tinha muita experiência como eles tinham então ele ficava perdido, o que eles faziam então? eles ensinavam pra gente, eles ensinavam para gente quando tivesse, quando essa vez eu me perdi, a gente pega um cipó, um cipó da grossura de uma de um fio de amarrar qualquer coisa de um punho aí pega amarra vai enrolando aquele cipó todinho, enrola, enrola, enrola () assim todo enrolado aí depois pega e esconde as pontas onde ninguém veja a ponta, agora você tá tirando o caminho que é pra andar pra ter a liberdade aí você enrola bem passar até uma hora enrolando aquele cipó do tamanho que for esconde a ponta aí pega empurra no cerrado e não olha pra trás, joga no rumo assim pra trás lá para dentro mais do mato onde tem cerrado que ele vá buscar

porque ele tem raiva de nó () ele vai se divertir até ele conseguir desenrolar, a gente já conseguiu chegar e a gente já () isso é coisa verídica _ Mas o senhor chegou a ver. Chegou a passar comigo (várias) vezes e com vários parentes meus () _ Como é que é a Currupira? Ele é do tamanho assim quase mais ou menos de uma de uma criança, de uma criança () agora aquilo ali vem a gente vai ficando se concentrando naquilo ali, aí depois pensa que não que eles chamam lá um eles chamam emundiado quer dizer a pessoa ficou desorientado né, o Currupira mundiou quer dizer desorientado não sabe pra onde vai, agora eu ando esse caminho aqui, aqui essa esquina de rua eu ando vou embora nessa rua no mato né vareda, quando penso que não, tô no mesmo lugar, aí não adianta rezar ou gritar não aí fica. Quando a pessoa não tem () como uma vez uma criança de seis anos aqui é seqüestro né, lá é bicho que mundiou ou então a onça comeu, mas é mas é a Currupira que () se você for chegar numa coisa que não é conhecida na região aqui como aqui, a gente mora nesse bairro aqui, aí como é que vai Emília? tudo bem todo mundo se conhece mas se vim uma pessoa estranha pra cá todo mundo sabe né, assim o Currupira faz também, se eu lhe deixar uma bolinha de mato você não vai acertar sair porque ela () o cheiro o perfume de pessoa civilizada cheia de perfume, talco () e nós no mato tem o cheiro do mato daquela região () e você não tem, é justamente que você chegar hoje da cidade e ir para a colônia comigo, aí chegou na minha cidade e tem uma data marcada para me matar e esperar e se chama (botar) é lá pra cima aí sabe naquele () e fica esperando a caça que ela vem de acordo com a () se a lua sai 8 horas ela vem comer antes das 8 horas pra voltar pra não (jejuar) aí se que você dizer, não eu vou contigo, é filho do interior mas foi criado na cidade, a caça não vem por que, você só cheira a perfume coisa mausa coisa civilizada, e () só cheira o mato é isso aí.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES

PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Francelina Maria Dias

IDADE: 68 anos

FORMAÇÃO: Primária

PROFISSÃO: Aposentada (doméstica)

ORIGEM: Abaetetuba

ENDEREÇO: Av. Conceição, 9 F.B. Jurunas

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Andineia Rodrigues

INSTITUIÇÃO: UFPA

DATA: 16/06/93

III.

CÓDIGO: N

Código Informante: 034

N01 CZju 16/06/93 - I

E quando era assim umas onze e meia para meia-noite, aparecia três rapazes, todos vestidos de branco, bonitos, aí eles ficavam de dançar, dançavam, arrumavam namorada, que quando era uma meia-noite eles desapareciam, iam embora, aí quando foi um dia, um curioso lá disse assim:

_ Eu vou descobrir se esses rapazes são verdadeiros ou são botos!

Aí pegou ficava de olho neles, sabe?⁶ que quando chegou meia noite, eles ficaram inquietos, aí eles pegaram e foram para a cabeça da ponte, o rapaz só (tocando), que quando chegou coisa da meia-noite, o rapaz, o rapaz que estava espiando, o boto e outro rapaz se jogaram um atrás do outro, na maré, na água, então descobriram que eles eram os botos e desde isso não apareceram mais, também, descobriram os encantos deles né! Porque ele viu eles, eles se encantarem.

⁶ O marido da informante intervém e diz que não sabe de nada porque não estava lá.

N01 CZju 16/06/93 - II

E a outra era da Ilha da Pacoca.⁷ É uma ilha lá em Abaeté, no interior, chamada Ilha da Pacoca. Então quando chegava mês de São João, essa época agora, que apareciam um navio, assim encostado na ilha, uma ilha grande, bonita, bem no meio do rio, aí aparecia um navio todo iluminado, bonito, mas então! não tinha ninguém. Quando foi um dia o rapaz pegou, passou lá e disse assim:

_ Mas, que navio lindo! Eu vou entrar para ver se tem gente lá!

Aí ele entrou, amarrou a corda, a montaria⁸ na coisa do navio e entrou, andou tudinho lá no navio, aonde tinha um quarto, daí ele entrou lá, camarote, camarote assim (gesticula com as mãos, fazendo sinal de quadrado), aí tinha tudo quanto era instrumento, disse que aí ele olhou e uma voz disse para ele assim:

_ Bate!

Que era para ele bater em um bumbão, em um baque grande, que era pra descobrir, desencantar ele, aí ele correu com medo, ele só desmaiou! aí ela foi embora, a mamãe que estava, ela contava um bocado, ela era do tempo antigo né! Já morreu com 101 anos.

_ E aí?

_ Aí, ele se acordou, nem cobra, nem nada, e todos ficaram doidos, as pessoas ficavam doidas, não se lembravam mais de nada, era encantada né!

_ As pessoas ficavam doidas mesmo?

_ Era! A mamãe sempre contava isso! do boto também.

⁷ A sogra da informante começa uma discussão, então ela pede para passarmos para a sala.

⁸ No interior, as canoas pequenas, que cabem no máximo três pessoas, são chamadas de “montaria”.

aí mas depressa só pegou a faca, cortou a corda da montaria e quando ele estava com 2 metros de distância, o navio afundou. (). Era caso verídico isso, todos São João passava isso lá, agora depois que coisa, passou.⁹

_ Toda época de São João, o navio estava lá?

_ Toda época de São João, isso era caso que a mamãe contava, o papai, a mamãe morreu com 101 anos né!

⁹ Não consegui entender na gravação o que a informante fala nesse momento.

N01 CZju 16/06/93 - III

E a outra também, era nessa mesma ilha, tinha uma moça encantada também, ela se virava em cobra, ninguém parava lá naquela ilha, ninguém morava lá, porque fazia muito visagem. Quando foi uma vez, uma voz disse para ela assim:

_ Olha! Tu vai a tal lugar, tem uma árvore grande lá, mas tu não olha pra cima, tu só, eu vou me apresentar para ti em uma cobra, aí tu, quando tu me veres, mas não olha pra cima, só tu olha no lugar onde está cabeça da cobra, tu dá só um golpe, mas que saia sangue, que eu me desencanto, aí ele,¹⁰ aí ele olhou pra cima que quando ele viu aquele monte de rolo de cobra,

¹⁰ Não consegui entender a palavra.

N01 ANco 25/06/93 – I

036

Em Muaná uma vez, teve uma festa muito grande, que tinha todo ano essa festa, então a minha avó não foi, mas foram os outros parentes dela pra lá, e ela ficou em casa e foi a salvação dela, aí falavam que tinha um rapaz muito bonito, muito bonito que dançava nas festas, dançava com as moças, ih! As moças estavam num faixo por causa dele que só vendo!¹¹

Aí que quando, aí que quando foi assim umas 11 horas da noite, o rapaz foi com a dona da casa e pediu uma rede, que ele queria deitar, aí a dona da casa deu a rede né, até uma rede branca, aí o rapaz foi se deitou, aí ela disse:

_ Olha! você vai deitar naquele quarto lá atrás, que lá não tem ninguém, você deita lá. Ele foi e disse para a senhora dona da casa que ele estava muito cansado e ela disse então!

_ Por isso não! Você vai deitar naquele quarto e pam, aí duas moças estavam atrás mesmo do rapaz e corriam para um lado, corriam para outro, procuravam, procuravam, procuravam, aí nada de acharem, aí disseram:

_ Embora naquele quarto lá atrás.

Aí elas foram, quando chegaram lá, uma olhou pelo buraco e viu uma enorme cobra, metade dentro da rede metade no chão, aí ela não disse nada, aí chamou a outra para olhar, aí que quando a outro olhou pelo buraco e viu aquela enorme cobra, enorme mesmo e a metade na rede a metade no chão, aí ela pegou deu um berro, um berro, que ouviu-se a fazenda inteirinha, a fazenda inteirinha ouviu, aí estrondou,¹² foi tudo para o fundo, quando ele estava dormindo, era a hora do encontro dele, ele se espantou e a fazenda foi toda, tudo para o fundo. Então nesse dito lugar, não passa embarcação nenhuma, assim de canoa, tudo vai para o fundo, então se ouve 3 horas da madrugada, quando se passa lá, 2 horas, meia-noite, quase ninguém passa nesse lugar, em Muaná, é um Rio que tem, quase ninguém passa, que tem medo né, mas vê, uma velha, uma escrava, uma senhora muito pretinha, catando algodão, foi a única pessoa que escapou

¹¹ A expressão significa assanhamento.

¹² Significa explosão.

para contar a história e todo mundo vê ela lá, e vê galo cantar, música tocar, tudo, tudo, tudo.

_ Isso foi em que época mais ou menos?

_ Na época da escravatura, na época da escravatura, isso a vovó que contava.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES
PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Elza Cardoso Rodrigues

IDADE: 63 anos

FORMAÇÃO: 1º Grau

PROFISSÃO: Aposentada

ORIGEM: Belém

ENDEREÇO: Conj. Cidade Nova I

WE 11, nº 322 B. Coqueiro Ananinda

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Andineia

INSTITUIÇÃO: UFPA

DATA: 11/08/93

III.

CÓDIGO: N

Código Informante: 036

N01 ANco 25/06/93 - II

Essa foi em 1800 mais ou menos, minha avó Guardina, que era tia do meu pai.

_ Como era o nome da sua avó?

_ Guardina, que era tia do meu pai, apareceu um homem lá na casa dela, ela era parteira, apareceu um homem lá, 2 horas da manhã pedindo que pelo amor de Deus, que ela acompanhasse ele, que ele dava muito dinheiro pra ela, que fosse acudir a mulher dele, que não podia ter a criança, aí ela se arrumou, nesse tempo não tinha negócio de assalto, essas coisas né, e foi com o homem muito bem, quando chegou na beira do, do, do, como é? Na beira do rio, ela disse: _ Mas onde é sua casa então? Ele disse:

_ Olhe minha senhora, a senhora não se preocupe não se preocupe que a senhora vai saber onde é!

Aí ela se agarrou, aí ele disse assim:

_ Quando chegar lá, a senhora se agarra na minha costa e feche o olho, não abre o olho, que a senhora vai ver onde é, não se incomode que não vai acontecer nada, nada para a senhora!

Aí na, ali na Praça do Carmo tinha uma rampa, tinha uma rampa na Praça do Carmo, como ainda tem até hoje aquele mercado, aquelas feiras, tinha uma rampa lá, aí quando chegou lá, o homem pegou se abaixou e disse:

_ Se atraque na minha costa que a senhora vai saber onde é!

A velha pegou a bolsa, botou no peito do homem e se atracou na costa né, aí o homem pulou n'água a velha ah! Meu Deus! Se pegou com tudo que era santo, aí, quando a velha, e disse: abra os olhos! Que quando a velha acordou, que abriu o olho, aí ela, olhou, era uma bota, que queria ter o filho, não podia, estava atravessado, aí a velha pegou e disse: _ e agora, com é que eu faço!

Com medo, com medo, aí a velha pegou, aí ele tornou em homem de novo, ele disse para ela: _ Não tenha medo, pode fazer o parto que a minha senhora está em perigo!

Aí a velha fez o parto na bota, aí nasceu, o botinho e tudo e que quando a velha viu, disse que tinha tanto ouro lá, diamante, coisas lindas do tempo dos escravos, coisa muito linda, disque a velha não tocou em nada, aí disque ele pegou um saco cheio de ouro, de diamante, de troço de... um cabo de uma faca de diamante, uma faca de

diamante, deu tudo pra ela, e disse: está aqui, isso a para senhora calar eternamente, agora a senhora se atraca na minha costa, que eu vou lhe deixar na sua, e ela levou aquela sacola cheia de troço e com a sacola dela ainda de parteira, que quando ela chegou na casa dela, chega ela tomou uma nova (suspirou).

Aí conversa vai e ele foi embora, até logo! E ela: _ Até logo!

Aí ela deu um tempo sabe dele chegar no rio, que ela morava na Cesário Alvim, no Largo do Ladrão que eles moravam, aí ela deu um tempo para ele chegar na beira do rio, aí ela contou pra a minha avó Juca, pra irmã dela, aí ela contou para a irmã dela, a avó Juca e avó Juca disse: _ Olha¹³ tu não fala pra ninguém, fica calada!

E ela ficou calada né, mas sabe, parente puxa com negócio de parente e ela contou a história, eu já vim a saber pela boca do meu pai, era a minha avó, eu chamo avó porque era irmã da minha avó.

¹³ Não consegui entender a palavra.

N01 ANco 26/06/93 - III

Era uma vez uma, essa é uma história verídica, se passou do lado da família da minha mãe, essa era da família da minha mãe, lá em Muaná, que a minha mãe era de Muaná. Então, a minha avó, com a minha tia, iam tomar banho no meretizeiro, aí a comadre dela ficou grávida, ficou grávida aí, quando teve a criança, a avó que fez o parto né, então nasceu uma, nasceu a tia Luiza, eu chamo tia por chamar né, tia Luiza, aí que quando a minha vó disse: _ ei comadre! Espere que ainda tem outra criança!

Que quando a vovó viu, foi uma cobra, a cabeça chata, grossa, mais curta, tinha mais ou menos uns 70 cm, a vovó ficou com medo, com medo, aí ela disse: _ olha comadre é uma cobra que a senhora vai tendo.

Aí a minha vó disse assim: _ É uma cobra que a senhora vai tendo.

Aí, uma voz disse detrás da casa:

_ Não mata!

Que a vovó queria matar, aí uma voz disse por trás da casa: _ Não mata, batiza e joga no meretizeiro.

Aí a vovó batizou e foi com o padre Manezinho jogar ela no meretizeiro, e a minha tia doente ficou na casa, com a criança, com a outra Maria, Maria Luiza Morais, ficou na casa né, aí resultado, o resultado disso, foi que ela foi se criando né, e então tinha dias que a cobra ia mamar, na mãe dela, mamava de noite e a Luiza mamava também né, mavava, mavava, foi-se criando quando ela chegou perto dos 7 anos ela foi e disse para a mãe dela: _ Mamãe, vai no pé do meretizeiro, vai me dar uma facada na cabeça, que eu me desencanto.

Aí, ela foi, chegou lá, viu aquela enorme cobra, ficou com medo e voltou, aí ela disse: _ Ah! Mamãe, redobrou os meus encantos.

Aí a tia Luiza Morais, todo mundo ia pescar e não pegava peixe, era uma luta de peixe, sabe como é negócio de peixe, era uma luta de peixe que só, aí ela ia pescar e não pegava peixe, que quando foi um dia, ela disse assim: Vamos embora comadre Inês, pescaste comigo, aí a vovó arrumou a canoa, se botou de baixo do toldo e foi, que quando a vovó viu, aí ela disse: _ O meu irmão toda vez vem falar comigo, toda vez vem falar comigo, o meu irmão!

Que quando a vovó olhou, no meio do rio, que a vovó olhou aquele rapaz todo de roupa de listras, aquela camisa estilo de vaqueiro, toda de listras e um chapéu pendurado, igual aquele chapéu do Pinduca, eu acho, todo pendurado de fita, aí a vovó olhou, ficou com tanto medo, se meteu por baixo da tolda da canoa, aí ela disse: _ Não tenha medo comadre Inês, é meu irmão, é meu irmão!

A vovó ficou com medo, aí que quando a vovó viu, ele sentou no rio, sentou de novo no rio, quando a vovó olhou, disse que era tanta da tainha pulando dentro da canoa, que a vovó ficou abismado, de ver, todo mundo pescava e não achava peixe, mas essa senhora pescava e trazia peixe que só, a vovó ficou abismado de ver, aí passou-se, passou-se, passou-se, quando ele fez 21 anos, ele veio de novo pedir para a mãe dele desencantar ele, para jogar um copo de leite na cabeça dele, não era mais, pra ele dar uma terçadada, era para jogar um copo de leite na cabeça dele, aí ela foi, mandou ela ir sozinha, que quando ela chegou lá, que viu o monstro da cobra, não teve coragem, gritou e veio embora e ele ficou encantado para sempre.

_ Ele não pode mais desencantar?

_ Não, não pode mais.

_ Por que não pode mais?

_ Porque já passou da idade.

_ O que é toldo da canoa?

_ É aquela capa que tem, capa que tem assim por cima no toldo na canoa, que a pessoa se mete embaixo, não tem que tire, onde há um quarto, onde dorme quando está chovendo, tipo um quarto.

N01 ANco 26/06/93 - IV

O Norotinho era um rapaz também que ele era cobra, mas ele virava gente quando ele queria ouviste, ele dançava nas festas, pintava o sete, namorador que só, aí, ele, ele foi, () ele foi dançar, dançou, dançou muito, aí se engraçou em um soldado, soldado da polícia, desses soldados que vão para o sítio, aí disse para o soldado, que se o soldado tivesse a coragem de dar uma terçadada na cabeça dele, que ele botava ele rico, dava muito dinheiro pra ele, dava muito dinheiro, botava ele rico, que ele ia morrer rico, que ele não sabia, que ele era encantado, que ele possuía um dinheiro, dinheiro, dinheiro que só, aí () ele pegou, o soldado disse que sim, sim soldado até cearense, que tinha coragem de desencantar ele, mas era para ele dar uma terçadada e não sentir o cheiro do pitui,¹⁴ para ele correr, correr, correr para dentro do mato, para não sentir o cheiro, aí que quando ele largou-lhe o terçado, ele foi nesse dito lugar em Cametá, foi nesse dito lugar, pegou o terçado rabo de galo e largou-lhe na cabeça dele, mas cortou atravessado que ele ficou cego de um olho, furou até o olho dele e correu para dentro do mato, correu, correu para dentro do mato, aí o Norotinho, que aquela enorme de uma cobra, e ele teve a coragem de largar-lhe o terçado, aí correu para dentro do mato, aí depois o Norotinho foi, transformando em homem, rapaz, era baixo, forte, aí foi lá, chegou lá, com o dito homem, com a mão no olho, o olho vazou, vazando, aí trataram e disse: _ Bom, rapaz, tu me segaste, mais tu me desencantaste.

E deu tanto dinheiro para esse soldado, que esse soldado, olha, morreu bem de vida, ricão.

_ Por que o Norotinho podia se transformar de homem a hora que ele queria?

_ Porque o encantamento dele era assim

_ Quem encantou ele?

_ Eu não sei.

_ Ele também nasceu cobra?

_ Nasceu cobra, foi, porque antigamente as mulheres, elas, elas negócios di, não tinha modess, não tinha nada disso e elas usavam panos, então era lavado no rio,

¹⁴ A grafia da palavra “pitui” foi-me ditada pela informante.

aqueles panos sabe, do nosso tempo, era lavado no rio e aquela água de sangue ia para o rio e as cobras malignas encarnava.

_ Encantavam as mulheres?

_ Encantavam.

_ Por isso que elas tinham filhos cobra?

_ Tinha filho cobra, era.

N01 ANco 26/06/93 - V

A minha avó, teve filho boto () foi! Ela teve filho boto a minha avó, um filho depois, espera aí, acho que entre o titio Barbosa e a mamãe, uma filha, ela morava perto de um rio, lá em Muaná, e meu avô saía, ele era feitor, saía de madrugada para o negócio do, que era feitor de fazenda né, ele saía de madrugada para lá, aí resultado, a minha avó, todo dia fazia café para ele, a minha avó quando via tinha aquele rapaz loiro olhando para ela, aí a minha avó, não dizia nada, lá no pé do meretizeiro, ela não dizia nada né, aí ficou, ficou, ficou, ficou e teve a criança, no dia que ela teve a criança, disque que lá no rio, era menina, lá no rio era tanto boto, que fazia fuá, fuá, aquela dançaria de boto, aquela dançaria, chegava fazia até medo, a comadre dela: _ ah! Comadre, eu tenho até, tanto boto, essa criança verde aí.

A vovó dizia: _ Não, não se incomode comadre, não se incomode que eu não tenho medo.

Aí todo dia eles iam fazer aquela dançaria lá na frente do terreno da minha avó, todo dia eles iam fazer aquela dançaria, aí o titio Barbosa, o titio André, pegou uma espingarda e foi para lá, quando chegou lá, disque deu um tiro, no dia que fez sete dias, deu um tiro que o boto virou para cima, aí disque fez uma cruz de sangue na água, era o pai da menina, que ele matou, aí a menina ficou com a cruz no peito, de cabelo, de cabelo e aí a menina morreu, na hora! Também, foi, aí foram botar, aí ele chorou tanto arrependido.

_ E como sabiam que era o pai da menina?

_ Porque ele tinha malinado com a minha avó, tinha malinado com a minha avó.

_ Ela falou depois?

_ Não menina! Ela nunca viu esse homem, eles se engrassavam com a pessoa e na mente dele, eles... (dá de ombros).

_ A pessoa fica... (me interrompe).

_ Fica gestante.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES

PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE.

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Elson Cardoso Neves

IDADE: 58 anos

FORMAÇÃO: Primária

PROFISSÃO: Motorista

ORIGEM: Belém

ENDEREÇO: Av. Conceição, nº 9F.B - Jurunas

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Andinéia Rodrigues

INSTITUIÇÃO: UFPA

DATA: 16/06/93

III.

CÓDIGO: N

Código do Informante: 035

N01 AUCN 04/08/93 – X

Era uma vez um rei que tinha uma filha, então ele não sabia por que ela gastava doze pares de sapato por noite e doze vestidos, mas ela não morava com ele, ela morava numa casa separada, numa mansão separada, aí todo dia quando era de manhã, ela mandava pedir doze sapatos e doze vestidos pro pai, aí o rei já estava encabulado, aí contratou um soldado, pra toda noite um soldado dormir na casa dela, na casa da filha, para ver o que era que ela fazia, aí quando dava assim 6 horas da tarde, seis e meia a empregada ia com um chocolate, leite, chá e dava pro soldado, o soldado bobo, não sabia, papava o que ela levava, aí dava uma dormideira, ela saía que o soldado nem via, quando era de manhã lá o soldado coitado, ia pra forca, aí quando foi uma vez chegou lá um soldado de interior mesmo, amarelo, magro, aí ela, ela foi e disse, ela mesmo foi disse:

_ Ah soldado! Toma aqui esse chá, antes de você dormir.

Ele disse assim:

_ Está bem! Deixe aí que eu vou tomar.

Aí quando a mulher virou a costa ele derramou e não tomou, derramou e quando ela voltou para vir buscar, ele fez que já estava dormindo, aí ela disse!

_ Ah! Esse ainda é mais depressa, que eu tenho até uma pena dele morrer, coitadinho, amarelinho.

Aí que quando ela, aí ela foi se arrumar, se fantasiou toda, aí ela disse em cima da saca para empregada, aí ela falou as palavras mágicas né, aí ela disse:

_ Em cima da mesa eu tenho, linha, tesoura e colchão, linha, tesoura, colcha e colchão, vem balão!

Aí desceu um, um balão bonito do céu, a moça se meteu dentro e caiu fora pra lá, vem balão, aí o balão veio, a moça se botou pra dentro do balão e caiu fora, aí o soldado foi atrás dela devagar e disse a palavra mágica, em cima, que ele não bebeu o chá né, em cima da mesa eu tenho linha, tesoura, colcha e colchão vem balão, aí que quando ele viu chegou um balão, ele se meteu dentro e foi atrás da moça, aí chegou lá () a moça em uma festa, em uma festa enorme, diz que era no céu, sei que era nos altos, nas nuvens né, aí ela pegou () aí o soldado chegou lá, ela dançou com o soldado, nem viu ele, dançou, dançou, era príncipes, princesas, só gente rica, aí o soldado, ofereceram piru pro

soldado, aí o soldado pegou uma coxa do piru, aí pegou e botou no bolso, aí que quando foi () ofereceram galinha, ele pegou uma asa de galinha de prata, aí botou no bolso, aí ofereceram uma bebida, ele pegou, meteu o, como é? O cálice no bolso, aí que quando ele viu, estava chegando a hora, umas 4 horas da manhã né, ele disse:

_ Em cima da mesa e eu tenho, linha, tesoura, colcha e colchão, vê balão!

Aí ele caiu fora, depois de pegar todas as coisas, caiu fora, chegou na frente dela na casa, que quando ela correu para lá, pro lugar onde ela ficava, foi se deitar, botou a colcha dele por cima dele e dormiu. Aí quando foi de manhã, aquele batalhão de soldados tocando e foram buscar ele, e ela:

_ Ah! Coitadinho, tão amarelinho e vai para a forca!

Daí o pessoal todo na rua:

_ Ah! Coitadinho, tão amarelinho, já vai para a forca!

Aí chegou lá, ela disse para o pai dela, ele perguntou o que era, ele disse que tinha prova do que era, porque de vez em quando ela trocava um vestido e um sapato, a festa era tão bonita, tão famosa, que ela, ela trocava um vestido e um sapato até chegar doze né, aí ele chegou e contou pro pai dela que ela tinha ido nesse balão, que as palavras mágicas eram estas, aí o velho não acreditou, ele disse:

_ Então o senhor não acredita, o senhor quer mandar me matar, mande me matar, mas está aqui a prova!

Puxou do bolso a coxa do piru de ouro, a asa da galinha de prata e o cálice né, de vidro, mas era de () como é? Aquilo, como é?

_ Cristal?

_ Cristal, aí está aqui a prova do que eles comem lá, aí o velho ficou () por que ele dava a moça pra casar com quem descobrisse o que era que tinha, aí ele pegou mandou buscar a moça para casar com o soldado, aí ela:

E mentira, é mentira.

_ É mentira não, é uma pura de uma verdade, está aqui as provas!

Aí ela não teve pra onde correr, o jeito que teve foi casar com ele e o soldado não morreu, esse

N01 AUCN 05/08/93 – XII

O Theodorico era rapaz, meu irmão, ele era um rapaz de mais ou menos 19 anos, aí quando foi um dia ele veio do quartel né, veio do quartel, aí sempre ele ficava no posto, que a mamãe dizia pra ele não passar a meia-noite, que antigamente fazia visagem mesmo, não era fácil, ele ia do Jurunas até a Breves, já pensaste! Aí o Theodorico pegou meteui peito, podia ser 11 horas, onze e meia, por aí, mas todo mundo estava fechado nas suas casas, não tinha ladrão, nesse tempo não tinha nada disso, aí todo mundo estava fechado, aí quando Theodorico chegou no seu Antonico, em uma mercearia, onde é a do Paulo agora, chegou lá no seu Antonico, um porquinho saiu fuçando atrás dele, fuçando atrás dele, ele:

_ Ih! Esse porco, prá lá!

Aí fuçando, fuçando atrás dele, aí quando Theodorico chegou no outro canto, no Bom Jardim, o Theodorico meteui-lhe o pé no porco, deu-lhe um chute do porco! Aí quando Theodorico olhou para trás era um porcão, estava cada vez mais, o porco ia crescendo, o Theodorico ia andando, quando Theodorico chegou no canto da Breves, o Theodorico abriu na carreira, abriu na carreira, chegou na casa dele e se jogou! O que vale e que a Dora deixava a porta encostada para ele entrar né, não tinha perigo nenhum, aí ele se jogou, aí o porco estava enorme, quase do tamanho dele, aí ele ficou cansado, cansado, a dona Adelaide veio, deu água para ele, a Dora veio, tudo:

_ O que é Theodorico, o que é, o que é?

Aí depois é que ele foi contar:

_ Não tem nenhum porco aí pela rua?

E o porco não estava mais!

_ Sumiu?

_ Sumiu.

_ Esse porco aparecia para todo mundo lá?

_ Aparecia, aparecia sim, para algumas pessoas né!

_ E aí? Ele passou mal?

_ Não ele passou mal naquela noite!

_ E depois?

_ Ficou bem, foi ficou bem!

N01 AUCN 06/08/93 – XIII

O titio André e o titio Barbosa era bombeiros, antigamente bombeiros vigiavam cemitério né, aí o titio Barbosa foi vigiar o cemitério da soledade e titio André também e quando deu meia-noite, eles foram para fazer a vistoria, mas eles não tinham medo, aí um vem lá do fundo e o outro vai daqui da frente, quando chegaram bem no meio de uma sepultura, bem no meio, do lado da capela, que quando titio André olhou, saiu aquele cachorro preto, preto, o olho do cachorro saía fogo vermelho e a língua do cachorro saía fogo também, aí disse que sacudindo o rabo para eles, aí o titio Barbosa não via o titio André via, o titio André rezou a prece, hum! Me arrepio!¹⁵ A prece de Cárita, aí o titio Barbosa passou para frente, eles deram a costa para o cachorro, (foram passando, passando), titio Barbosa, André orando a prece de Cárita, foi!

_ E aí?

_ Aí não é nada.

_ O cachorro sumiu?

_ O cachorro sumiu, passou da hora da meia-noite e o cachorro sumiu.

N01 AUCN 09/08/93 – XIV

Uma vez, o titio André, também ia pelo Tamoios direto, aí quando ele chegou no canto da Tupinambás, o titio André olhou assim e viu uma mulata, nesse tempo as mulheres, mulher solteira, usava saia comprida, camisola de mulata, flor no cabelo de, com patichoulin, chega cheirava, a mulata cheirosa, cheirosa que, mulata cheirosa, aí titio André todo faceiro, novinho né! saiu atrás da mulata, aí passou, passou a Tupinambás, passou Apinagés, passou Padre Eutiquio, quando chegou na Praça Batista Campos, o titio André andava depressa e a mulata na frente, nunca o titio passava ela, nunca o titio passava, que quando chegou pelo José Veríssimo¹⁶ mais ou menos o titio André pode olhar a cara dela de baixo de um poste de luz, o poste era fraco, mas naquele tempo clareava né! Aí o titio André olhou a cara da mulata, disse que era toda igual de piru, toda cheia de bolota a cara dela, horrível, horrível, horrível, a cara da mulher, ela dobrou no cemitério da Soledade, o titio André parou no canto da Conselheiro com a Serzedêlo né, o titio André parou no canto da Praça Batista Campos, aí o titio André pulou uma água, que tinha chovido, titio pulou uma água, disse que a gente pula água quando vê visagem, né! Aí o titio pulou, diz que ela disse:

_ É o que te vale! É o que te valeu agora.

Ela entrou no cemitério da Soledade, o titio André se benzeu, rezou a prece de Cárita e pronto!

_ Era uma alma penada do cemitério! Era uma alma penada do cemitério, só podia ser, e antiga porque ainda usava roupa de mulata, naquele tempo como as mulheres solteiras andavam, andava assim.

_ Porque elas andavam assim?

_ Porque era moda neia! Naquele tempo era moda, nós não temos nossa moda agora, tinha moda naquele tempo, agora as mulatas saem carnaval só recordando, sai agora em São João!

_ Naquele tempo elas andavam na rua?

_ Naquele tempo elas andavam na rua, era pinta mesma! Cada uma saía! Me lembro bem das saias que a vovó tinha, estampadas, cada uma sainha franzida, franzida,

¹⁶ Escola pública situada na Praça Batista Campos.

cheia de greguinha, de grega, todinha enfeitada de grega¹⁷, a saia do cabeçote sabe! E ela andava com a blusa com renda, com bordadas assim na beira e branca, geralmente era branca, colar, as mulheres andavam assim, mulher da moda.

¹⁷ Espécie de renda.

N01 AUCN 10/08/93 – XV

A Dona Trem (risos) aí quando foi um dia o Humberto veio da casa dele, da casa do seu, como era o nome dele Elza? Esqueci! Como era o nome da avó do Humberto? Como era o nome dele meu pai? Era seu Camilo parece () ele veio de lá, aí quando, podia ser quase meia-noite, ele ia lá para casa, que quando ele passou lá no canto, viu Dona Trem, também vinha, aí a Dona Trem vinha, ela também vinha, iam fazer a encruzilhada né, aí que quando, aí ele passou, ela vinha com um saco na mão, era uma sexta-feira, vinha com um saco na mão, aí que quando ela, ela pegou desceu da ponte, desceu da ponte para ela passar, desceu na lama, aí ela abrindo o saco, o Humberto olhou, olhou assim (faz olhar sério).

_ Ela ficou na lama?

_ Ela pegou desceu na lama, aí ela pegou abriu saco, tinha um osso de canela, uma vela, aí o Humberto ficou olhando para aquilo, aí ela disse:

_ Olha Humberto, passa o teu caminho, passa o teu caminho e vai te deitar, seu filho da puta, vai te deitar e aí de ti que conte isso para os outros! Aí o Humberto pezou olhar! E caiu fora, chegou lá em casa, até pelo fundo do quintal, nesse dia me deu tanto susto, que eu fiquei até sem fala, quando eu vi o Humberto entrando pelo fundo do quintal, já pensaste! Quando nós vimos, a gente não tinha mais nem medo de ver a matinta-pereira gritar, a gente ficava calada, calada, era ela.

_ Essa mulher que virava matinta-pereira?

_ Que virava, ela ia virando naquele dia, ela pensava que não tinha mais ninguém na rua, mas ainda vinha o Humberto!

_ O que é matinta- pereira?

_ Ah! Eu não sei! Diz que é um pássaro!

_ Como é que uma mulher vira?

_ Eu sei lá! Eu sei que é um fado que a pessoa tem!

_ O que é um fado?

_ Fado, é o fado de virar Matinta-pereira, aquela (impressão), aquela coisa, que quando a pessoa morre deixa para a outra () aí aquela pessoa vira Matinta-pereira e da verdadeira (risos).

N01 AUCN 10/08/93 – XVI

Eu fui lá, em uma ladainha na estrada nova, que quando nós viemos, já era tarde da noite, mais de meia noite, aí que quando nós vimos, vinha duas crianças, sujas, sujas, duas criancinhas (pequeninas), aí vinha aquelas duas criancinhas, aí as crianças vieram de lá, perto do lado da casa do leão, aí vieram, vieram, vieram, quando chegou na porta do leão nós nos encontramos, tinha luz no poste, aí nós nos encontramos com as crianças, aí a dona Menem, mulher do seu Loló, ia dizer mas... (leva a mão a boca e tapa os lábios) ela ia falar o que fazia as crianças e essas horas da noite né, aí o seu Loló tapou-lhe a boca dela, ela:

_ Nhem, hum... hum! nós todos ficamos do lado do seu Loló sabe, aí passamos, as crianças seguiram, foram embora na Conceição para a beira do rio, nós fomos embora, aí dona Loló se tremeu, se tremeu, tremeu de frio, deu uma febre nela, porque ela falou com as crianças, uma febre!

_ Quem eram essas crianças?

_ Essas crianças, disse que quando a gente falava com elas, elas diziam:

_ Me guarde esse dente!

Diz que na Conceição é que tinha isso!

_ Elas dizia...?

_ Me guarde esse dente, disse que a pessoa pegava o dente, que quando via estava um dentão enorme! Elas apareciam lá!

_ Só na Conceição?

_ Só na Conceição elas passavam!

_ Porque elas iam para o rio?

_ Por que era caminho Neia, delas, era caminho delas, não sei que crianças eram aquelas, não se sabe!

_ Sujas?

_ Sujas, duas criancinhas, sujas, sujas!

N01 AUCN 10/08/93 – XVII

() fundo de casa, muito nosso amigo, quando foi uma noite, ele veio da casa da namorada dele, aí que quando ele olhou, viu uma bolinha de fogo atrás dele, uma bolinha, aí que ele olhou de novo já estava a bola maior a bola vinha rolando, rolando atrás dele e que quando chegou no curtume Jacaré que ele olhou, estava uma bola de fogo enorme, aí ele abriu o pé na carreira, mas quanto mais ele corria, ele não chegava no canto da Breves e aquela bola rolando, rolando, rolando, atrás dele, aí quando ele chegou na casa da mãe dele ele se jogou na porta, aí a mãe dele deu e botou água pra ele beber e fez uma zuada, essas horas da noite, fez uma zuada, deu uma febre, uma dor de cabeça nesse rapaz, que para ele escapar foi uma luta! Não sei o que era () uma bolinha de fogo.

_ Ele que contou isso?

_ Ele que contou, ele que contou de manhã para nós, eu só vivia na casa dele, era um rapaz muito amigo, como esse rapaz aí de frente é () já pensaste!

N01 AUCN 11/08/93 – XVIII

Tinha a boiuna e o noratinho, a boiuna e o irmão da boiuna né, e o noratinho, que quando foi uma vez, isso lá em Moaná, aí só se ouvia zuada de pau cair na água, só zuada de pau cair na água, as pessoas foram olhar de manhã cedo, os caboclos foram olhar de manhã cedo, era duas cobras que estavam brigando, enormes, enormes, enormes, aí quanto mais elas brigavam, aí que o pau caía, elas tiravam todo o pau da beira do rio sabe, aí o rio ia alargando, aí o pessoal deixou, não passava uma canoa, não passava ninguém, quem ia se meter em briga de dois monstros de cobra né? Aí ficaram brigando que entraram pela noite, aí quando foi de manhã, só tinha um, um rolo, aí ela andava de um lado para outro, boiando no rio, boiando, por que o outro matou! O irmão da boiuna, sabe o que foi?

_ Foi que essa cobra mexeu com o boiuna, fez mal sabe! Aí o irmão se vingou e matou!

_ Mas, como as pessoas souberam disso?

_ Ah! Porque naquele tempo era muita ignorância, baixava cobra nessas mulheres que dançam batuque, essas coisas, ela baixou e contou!

_ O espírito da cobra baixou?

_ Baixou e contou é, a Dilce já não pegava boiuna, mas eu digo que era verdade sabe! Que ela cantava uma canção tão linda, nunca nós ouvimos cantar essa canção e a Dilce cantava! Quando ela pegava se entortava todinha, pegava se enrolava na casa com a boiuna () a Dilce...

_ Quer dizer que a boiuna tinha um irmão?

_ Tinha um irmão.

_ Tinha também a cobra noratinho?

_ A cobra noratinho e outra, outra cobra!

_ Mas essa cobra que fez mal pra boiuna, como é o nome dela?

_ Ah! Não sei.

_ Ninguém sabe?

_ Não sei mesmo, mexeram com a boiuna.

Obs: Tipologia do Informante

Nome: Flora

Idade: 47 anos

Formação: Primeiro Grau

Profissão: Empregada

Endereço: Terra Nova

Código: 013

Nome: Maria Paraense

Idade: 63 anos

Formação: Segundo Grau

Profissão: Professora

Origem: Sourí

Endereço: Coqueiro

Código: 014

N01 AUCO 01/05/93 – I

013

Tinha o meu marido, enxergava diz que um pretinho, quando foi uma noite a gente saiu, aí ele deixou o () amigo invisível! Porque, ele saiu no quintal aí disse que ele viu um pretinho, assim né, ele ficou apavorada e disse que viu um pretinho, aí ele pegou o revólver que ele (andava) que a gente vigiava lá, pegou o revólver e atirou no pretinho né, a bom aí, ele entrou, depois tal, arrumou uma rede assim na sala e deitou (olhando uma comida minha) depois pegaram, assim¹⁸ parece que pegaram a rede, sem mentira nenhuma! Assim tiraram a rede do, do 5 e pegaram ele no chão. A menina não se não se bateu porque estava¹⁹ aqui sabe, no colo dele, mas jogaram ele no chão, aí quando eu vi foi só a queda! Ele acha que foi o pretinho, porque olha incrível! (_ só o teu marido que viu o pretinho, ou teve gente que viu?)

_ Foi não! A minha cunhada também via!

(_Ah! tá!)

_ Esse pretinho lá... a gente acha que é a antiga Mãe do Mato né, porque tudo isso era mato né.

(_ O que é a Mãe do Mato?)

_ Não é a curupira, que chamam né. O curupira! É! A Mãe do Mato é o curupira, é! Disse que ela judia da gente né, se a gente entra no mato, a gente conta que ela judeia de você, às vezes você tá pertinho do caminho e você não acerta a saída, isso é verdade! Isso é história de caçador mesmo! Aí o caçador pega um (negócio) de cipó né, faz uma roda né, desse pó trançado e joga pra trás né, diz que a curupira (risada) disse que o curupira vem pegar a rodinha né e fica desmanchando, enquanto isso a (camarada) acerta o caminho.

Quando ele morava no interior, meu primo era caçador e ele falava isso mesmo!

(_ Ele chegou a ver?)

_ Via! Via sim! Via diz que é um pretinho mesmo o curupira.

¹⁸ A informante faz sinal de quem está jogando a rede no chão.

¹⁹ A informante cruza os braços em sinal de proteção.

N01 AUCO 01/05/93 – II

013

_ 40 km meu filho uma noite, ele estudava à noite, aí a gente morava longe, aí ele vinha e descia aqui, aí uma noite, tinha um terreno onde morreu muita gente! Já morreu o velho, já morreu a velha, já morreu o filho. Todos de acidente de carro, sabe duas filhas! Por que dois filhos do velho, um filho, e uma filha e uma neta, moravam no rio. A mãe se jogou debaixo do carro, morreu! A filha ficou impressionada ().

(_ Porque ela se jogou?)

_ Porque ela sofria um pouco das faculdades mentais, aí ela se jogou debaixo do carro e morreu, a filha ficou traumatizada e fez a mesma coisa. Tudo dessa família desse²⁰ terreno em frente ao motel. Aí já morreu o velho, já morreu a velha. Tudo isso aí é meio assim, macabro! Ali sabe! É meio macabro esse terreno ali, sim! Aí deixa eu contar uma novidade para vocês! Aí nesse terreno desse motel aí, o pessoal pegam pedra! Joga pedra! Isso não é mentira não! Taí o Luisinho que pode contar, jogam pedras, às vezes você passa assim conversando, quando a pedra canta²¹ em cima de você.

(_ Quem joga a pedra?)

_ Eles não sabem quem é, não tem ninguém, vai ver é ninguém! Olha um tempo desse aí eu estava trabalhando, eu e o Luisinho não ficamos sozinhos, tinha que ficar com outra pessoa de medo, que é arrepiante aí mesmo! Tem uma (conhecida) que mora no lado de lá, ela diz que ela sente, quando ela vai passar roupas num quarto assim né, ela diz que sente diz que, os cabelos dela arrepiam todinho! Aí quando foi um dia ela tava passando roupa, assim quando ela viu diz que entrou assim um bocado de “bombril”²² velho pela janela, que jogaram no pé dela.

²⁰ O informante aponta com as duas mãos o local.

²¹ Barulho da pedra.

²² O informante faz sinal como se ela estivesse na beira do rio.

N01 AUCO 01/05/93 – III

013

_ Meu avô era pescador.

(_ E o que ele contava?)

_ Ele contava que o boto diz que encantava uma pessoa.

(_ Ele chegou a ver?)

_ Foi a gente ver! Você pra ver um boto, você pega assim no interior, você pega uma canoa menstruada, pra você ver o que é o boto! (risada) você por acaso está menstruada, pega uma canoa e sai assim no mar, que você vê o que é o boto aí ele vem te persegue! Vem te persegue! Vem! Se fosse possível ele ia lá na canoa contigo dentro! Como é que é? Cameté! Diz que então as casas em Cameté, diz que fica²³ aqui na beira né, assim²⁴ alto porque as águas enchem tudo, assim diz que, as casas ficam alta aí diz que tinha uma mulher que tava (cantando) ali né, o boto namorava com ela, disse que né! Porque a noite disse que vinha um homem () de branco, do porto né, todo de branco. Sim! Saía da água todo de branco, o pessoal dizia que ela (ficava) pálida e muito triste! O pessoal dizia que era o boto que tava judiando dela, namorando com ela! Disse que era! O pessoal de Cameté diz que o boto é encantado.

²³ A informante faz sinal como se ela estivesse na beira do rio.

²⁴ A informante põe a mão acima da cabeça para demonstrar a altura das águas.

N01 AUCO 01/05/93 – IV

013

Diz que a bota tem os seios igual de mulher, tinha o²⁵ negócio igual da mulher.

I! Em Cutijuba. Em Cutijuba quando meu marido era jovem né, ele morava em Cutijuba né, no tempo do presídio, da Vila do Vai Quem Qué são 12 km naquele tempo do Barata diz que, meu marido trabalhava lá! Meu cunhado também, ele era guarda, como é que se chama?

(_ No presídio?)

_ É! Lá no presídio de lá. Então ele diz que levava os presos que o (Barata) mandava desembarcar (em terra). Aí eles amarravam os presos, esse meu cunhado que contava, eles amarravam os presos²⁶ assim num cabo atrás do jipe, daí tinha arrastava até lá na colônia. E tava muito quente aí ele tinha um compadre que era pescador, aí arpuaram o peixe né, a noite, aí eles puxaram o arpão e era uma bota né, aí eles pegaram, todos bebiam cachaça, aí diz que era fêmea, pegaram retalharam a bota, assaram e comeram com cachaça. Eles contavam que a bota era assim.

²⁵ Ela faz um sinal com as mãos indicando o sexo feminino ().

²⁶ O informante cruza as mãos como se estivesse presa.

N01 AUCO 01/05/93 – V

014 – Dona Maria, 63 anos.

Eram umas 40 famílias que moravam em suas casas, eram (pouco) mas tomavam conta do terreno.

(_ Existia alguma coisa aqui há 40 anos atrás?)

_ Tinha muito pouco moradores e chamava coqueiro porque tinha um coqueiro²⁷ lá! Na entrada do coqueiro, lá na boca do coqueiro. A gente vinha a pé de lá pra cá, a gente vinha num pau-de-arara²⁸ que saía atrás da Prefeitura pra Marituba, a gente saltava lá na polícia rodoviária, era lá! Aí a gente vinha a pé pra cá, depois passou a ter ônibus que passava aqui. Nós vinha da Agulha! Em Icorací, quando ele passava aqui já vinha cheio de gente, a gente tinha que acordar 4 horas da manhã para pegar o pau-de-arara.

A gente fazia as coisas correndo lá em Belém pra poder pegar onze meia de novo. Só tinha esse pau-de-arara.

"Na boca da onça" ali perto do Gren Garden, no início diziam que (o pessoal que conta) lá ainda tinha uma onça, sussurrava toda 4 horas da manhã.

²⁷ Sinal de distância.

²⁸ Caminhão.

N01 AUCO 01/05/93 – VI

014

- O matinta-pereira né! O matinta-pereira você vai ver o que ele fazia! Fiiiimmmmt²⁹ Ele gritava fiiiimmmmt. Fino depois, aí ela fazia fiimmt.

(_ O que é isso? É um grito que ela fazia?)

_ Eu sei lá o que é! Tinha vez que o pessoal vinham daí um (japonezinho) muito trabalhador, muito caboclo, não tinham pra onde ir! Juízo tinham aqueles que estudavam à noite, aí ficavam contando! Olha! Olha professora já sabe (a namorada) responde pra ela! Isso () mas a gente nunca viu, só quando ela apitava.

(_ E que matinta-pereira?)

_ É uma pessoa que vira.

(_ Vira o que?)

_ Sei nem dizer o que é, eu sei que vira né! Porque em Soure tinha uma senhora chamada (Lygia) ela era grandona sabe! Aí, às vezes o meu irmão contava que ela tava (pescando) o anzol na hora de pescar né, em Soure né. Na hora de ele ir pescar ela apitava fiimmt... aí ela tornava a apitar fiimmmmt... Matinta-pereira! Aí ele dizia. Vem amanhã buscar um tabaco, vem amanhã buscar um pão, aí ela vinha, às vezes meu irmão dizia aqui: vem amanhã buscar um piramutaba (então) o peixe vai te³⁰ comer! Aí quando meu irmão vinha chegando da pescaria, a gente dizia: olha mano José a tia (Lygia) já tá ali todo mundo dizia que ela virava.

(_ Ah! Tua tia virava é!?)

_ Era não, porque no interior né, a gente chama tia fulana né, agora eles chamam de tia pra todo mundo né, antigamente a gente chamava de tia as pessoas mais velhas, né.

(_ Você morou quantos anos em Soure, dona Maria?)

_ Até³¹ vinte anos, nós nascemos lá, meu avô, pai de minha mãe, ele foi escravo, minha mãe foi cozinheira de Theodoro de Mendonça, cavaleiro de Macedo,

²⁹ Assoviu da matinta-pereira. A informante leva a mão à boca e grita.

³⁰ A informante levanta as duas mãos, como se fosse te assustar.

³¹ Informação sobre a família da informante.

disse tudinho! Quando a mamãe chegava aqui de Soure, Deus me livre! Ela vinha da balsa, era bem recebida né.

N01 AUCO 01/05/93 – VII

014

A minha mãe contava.

(O que é que ela cantava?)

_ Que de baixo de nossa mangueira, em Soure, nós morávamos na quarta rua, então todo mundo via, um homem vindo de longe carregando outro nas costas e chegava lá e ficava na mangueira. E também por sinal uma tocha de fogo que sai e percorre toda a cidade, muita gente diz que já viu né, que sai de nosso quintal, do nosso quintal. Por que o nosso terreno varava da quarta para a quinta rua, mas a mamãe contava que era assim, por que o meu avô foi escravo, então ele teve senhores bons né, senhores dele né, barão bom, e meu avô era pretinho! Pretinho mesmo. Então eles diziam assim: que meu avô era aquele pretinho do barão que fazia tudo, né. Então ele (barão) dizia: _ Ismael vai fazer. Ele dizia: já está feito senhor, né que é que tinha pra fazer! Então quando ele ganhou a carta de alforria dele, nossa! o vovô era feitor, administrador, então ele deram gado, deram o ouro, muito ouro sabe. A senhora mulher do barão, ela tem uma medalha³² aqui assim, era assim. Tinha uma coisa assim.

Minha irmã mais velha, minha outra irmã dizia que saí de lá, dizem por que era um, um, como é? Um bauzinho³³ sabe, assim de ferro. A minha irmã mais velha cansou de brincar de boneca (desse bauzinho) era cheio de ouro, então dizem, aí que desapareceu o ouro! O caixão do ouro, o bauzinho, então dizem que tá enterrado lá, e essa tocha de fogo sai, de lá do nosso quintal e anda e todo mundo viu, mas nós nunca vimos.

³² Com as mãos a informante descreve a medalha.

³³ A informante mostra com as mãos o tamanho e a largura do baú.

N01 AUCO 01/05/93 – VIII

014

_ Todo mundo lá de Saure, diz que já viu, um casal de boto. É um casal de boto!

_ (Todas as pessoas mais antiga já viram?)

_ Viram meu irmão via!

(_ É peixe normal?)

_ O boto tem um de gente e um pé de peixe. O meu irmão ia pra festa, às vezes ele chegava cedo! A mamãe dizia: já chegou! Ele dizia já! Já tem boto dançando, já vou-me embora! É. Ele é muito bonito (o boto). É uma vez uma moça uma bota mundiou um senhor lá (nego preto), ele passou 15 dias ou mais desaparecido, ele vinha longe, (onde hoje é o Campos Universitário de Soure, na 14ª rua), aí ele vinha de noite, aí perto dele apareceu aquela senhora muito bonita! Muito cheirosa, sabe, de cabelo grande. Ele enchirido, ele era muito engraçado, sumiu e foi dado como morto. Depois ele apareceu aqui, ele estava mundiado, mundiado né, por exemplo ali tem uma cobra e tu vendo aquela cobra, não posso sair dali! Então dizem que o (bicho) mundiou a gente. O boto disse que ia soltar ele, mas pra ele nunca mais se atrevesse a mexer com mulher dos outros, e com quem ele não conhecia né. A mãe dizia para nós: diz que a gente quando anda na rua, a gente se benze! Por que os espíritos estão vagando, foi! Ela dizia sabe: quando a gente anda no mato, a gente tem que rezar né, pra São Bento, rezar pra Nosso Senhor, que é pra livrar, porque diz que o espírito vive vagando e vão mexê! Aí a gente tinha muita vontade de ver o boto! Era um casal. Não sei agora né? Tem ele que era muito bonito, diz que a moça era muito bonita, toda de branco no 1º grau, 2º grau, 3º e chum!³⁴ Quando o boto bóia né, a cabeça dele faz tchu! tchu³⁵! A mamãe dizia que quando você aparece prenha, vão dizer que foi o boto! Porque a gente ia assim menstruada né, aí o boto ia acompanhando a canoa, beirando daqui acolá.

³⁴ A informante com a boca e as mãos mostra como o boto respira.

³⁵ Respiração do boto.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES

MC2CZam 20/07/93 I

CÓDIGO 014

... E lá sempre cai a ribanceira sabe, então, a mamãe dizia assim também: olha tu vai estudar, tu vai estudar (de cor na cabeça) porque olha! A cobra grande se mexeu lá no (sossego) e derrubou a ribanceira! Ela () amarrada num fio de cabelo () (como e quem contava isso para você, que ela era amarrada num fio de cabelo?). É um fio de cabelo e acomodava! (risos) Aí dizem que quando ela sai de lá... ainda outro dia teve uma senhora aqui sabe, ontem, ela via que quando ela sai, ela vai até lá em cima (cantando nas fazendas) né, agora quando ela solta marezia é aquilo que quebra né, agora banzeiro é aquilo que tá dentro da água e que só rola, só rola (vamos) dizer que lá vem um barco (passa) lá, aí vem então o banzeiro, se chama banzeiro () aí diz que ele vem fazendo aquele banzeiro enorme sabe aí (viu) dona Violeta tado viu! (Oh! Que olhos! Enormes!...)

M02CZam 20/07/93 II

014

Também tem uma estória sabe, que a mamãe contava pra nós, que os padres viam né, muitos padres viram né, é uma (moça). Isso não é estória? É. Em Condeixa () do Condeixa, uma moça apareceu gestante, então ela era de família assim como nós, padre mas gente católica, gente direita () e essa moça apareceu gestante, aquela () pra namorar. Aí ela subiu pra ela descansa, aí a parteira veio, quando ela, quando a criança, ela teve normal, (foi que o bicho passou nela) aí a parteira (apareceu) era uma cobra, aí ela enrolou num pano e ia jogar no mar () que o pai dela acreditou, aí quando ela fez sete anos, se você quiser vai perguntar essa estória () Salvaterra () quando ela tinha 7 anos, ela apareceu em sonho pra mãe dela, disse que era pra mãe dela colocar leite materno numa garrafa branca né, numa garrafa branca. E quando viesse o primeiro banzeiro, e segundo no terceiro (esperava) que ela vinha.

Era pra mãe dela jogar aquela garrafa na testa dela que saísse sangue e misturasse com leite, aí ela desencantava, mas era uma cobra de 7 anos né, uma presa enorme né! () Ela contava o primeiro, o segundo, no terceiro ela apareceu, ela jogou a garrafa e correu! Aí ela diz que (que viu a filha) Ah! Mãe ingrata redobrades meus encantos!

M02CZam 20/07/93 III

014

A partir daí apareceu um navio que sai do Condeixa³⁶ né, ele vai até (Soure) um lugar chamado Garrote é lindo! Lindo! Lindo! Eu nunca vi! As minhas (2) irmãs viram os padres de Salvaterra, o padre () todos vieram. Aí quando elas (vinham) com a minha mãe, elas iam lá no farol lá na ponta do farol, sabe, pra vê, ele aparecer (fruta cor) lindo! Lindo! Lindo! Diz que o pessoal (sabe)! Eu nunca vi. Aí ele vai () ele vai, quando chega na ponta do Garrote ele desaparece, aí então³⁷ diz que tem um senhor lá em Soure, (tem o dom) o dom do Espírito Santo, cada um nasce com seu dom né, tem um senhor que ele era “experiente”³⁸ a gente chamava de “experiente” né então ele trabalhava, () quando ele trabalhava, aí baixava () aí incorporava dele né! Então (Maria Muandeira) ela já tava velhinha! Então mamãe quando fazia crochê sabe ela (fazia crochê) cantando a música dela, quando ela baixava no senhor () "mãe Maria, fiandeira, fiandeira, fia roupa de algodão, de algodão". Aí ela dizia que toda velinha! Sabe. Dona Nazareth sabe melhor porque ela via sabe, aí então o padre lá de Salvaterra dizia que era mentira, mentira, mentira! né, aí quando ele foi pra (Joanês) fazer Deus obriga. Deus obriga é quando o padre vai uma vez por ano naquele lugar né, que chama Deus obriga. (aonde?) (no interior). Eles chamam Deus obriga () (é uma obrigação). Chama Deus obriga () Aí o padre ia em (Joanês) chegava em (Joanês) contava essa estória pra ele, aí ele foi e viu um navio! Dois padres (quando a senhora viu foi assim?) Apareceu no mar, diz que é muito lindo! Lindo! Lindo! Eu não sabia () minha vizinha () agora³⁹ quando eu for lá pra Salvador, lá no Porto da Barra sabe, lá na minha gente, a gente paga 10.000 fica só num lugar, se paga 20.000 vai até lá no forte, lá perto do... eu fui! (risada) eu fui lá () igual o farol porque a gente vai aqui de Soure enxerga o primeiro farol né, no canal, () depois a gente () no Salvaterra aí tá certo. Aí eles iam lá pra cima do farol pra ver o navio passar, o navio encantado.

³⁶ Ilha do Marajó.

³⁷ A informante introduz uma outra estória nessa narrativa voltando após isso a continuação desta.

³⁸ “Médium” segundo os espíritas.

³⁹ Faz em cima da narrativa uma comparação com a viagem a Salvador após isso volta ao lugar da narrativa.

M02CZam 20/07/93 IV

014

A mamãe pegava murucututu né! (Murucututu! O que é isso).

"Murucututu de cima do telhado, leva esse menino que é malcriado". É assim que ela contava (o que é murucututu?) não sei... Ah! Murucututu! (é) É uma ave! Da... (ave!) É uma ave como a coruja, então ela é feia sabe! Aí ela faz tu – tu – tu – tutu. Mas é o bico dele que bate um no outro, e a gente tem como agouro sabe, eu vi murucututu por aqui, credo!⁴⁰ É ele bate o bico "murucututu de cima do telhado (eles tudinho acreditava) leva esse menino que é malcriado". (Sua mãe cantava pra vocês). Ela cantava.

⁴⁰ A informante se refere a murucututu com certo receio, gestual de espanto e medo.

M02CZam 20/07/93 V

014

Então a gente rezava ladainha em casa né, antiga, bonita! A ladainha sabe! Ainda tenho vontade no Cutijuba manda reza uma ladainha () Porque lá tem gente antiga, que sabe né (que sabe as ladainhas) Sabe! Muita coisa então um Bendito né, que (cantava): Lá, lá Bendito, louvado seja!

Assim nã, nã, nã... aí era assim (o cantar desse) o rosário, são balas de artilharia, que combate no inferno dizendo que Maria, Maria (José) louva a hóstia consagrada. Aí o outro responde: mas a hóstia consagrada para Deus seja louvada. "É bonito é um Bendito, então essa preta que (chegava da fazenda) o nome dela era Morena aí ela já cantava assim: () diz que encontrou na escada do céu (ela que cantava isso?) Eles que cantavam os antigos né.

Que o branco vinha descendo encontrou com o preto (aí o preto respondia o que?). "Lá no céu não querem preto, os que foram já vem voltando!" Aí o preto (pergunta). "Eu não tô te perguntando, vai-te a puta-que-pariu!"⁴¹ (risada). Aí começada a ladainha (risada) o branco ele já tava no céu ele não queria o preto aí o preto se encontrava aí disse isso pro () (Há! Isso tua mãe dizia pra ti?!) Era. E eles todos antigos né, eles cantavam, tão bonito! Esse Bendito né.

⁴¹ Gestual como se não pudesse falar palavrão (risos).

O01CZlco 22/08/93 IV

028

Caboclão do interior que nem esses filhos de fazendeiro, né, muito burro. Aí ()
⁴² esse caboclão... caboclão muito... palhação, né, nunca havia ido num cinema. () Aí, um dia ele disse assim:

_ Meu pai, deixa eu ir na cidade, meu pai, que eu tenho uma vontade de ir ao cinema. Aí ():

_ Menino, vai. Pegue dinheiro e vá.

Aí ele chegou na cidade, né. Chegou lá e disse:

_ Aonde é o cinema daqui?

Aí havia um vendedor de pipoca que disse:

_ O cinema é bem ali.

_ O que é que eu faço pra eu chegar até lá?

A ele disse: _ Vá na portaria e compre a entrada.

() Aí nessa hora que ele sai para comprar entrada, ele olhou, haviam uns gansos muito lindos, sabe. Aqueles gansos lindos é:

_ (Vizil)!⁴³ Vou comprar um ganso desses pra levar para o meu pai.

Achou tão lindo. Aí pegou o ganso, comprou aquele ganso, aí foi e disse:

_ Você se importa de guardar esse ganso pra mim?

Ele disse: _ Ah! Meu filho, não posso. Eu estou aqui com o meu carro de pipoca e não posso reparar ganso de ninguém.

_ Eu posso deixar esse...

_ Não resp..., não sou responsável, vão roubar. Aí:

_ Será que eu posso pedir pra esse, esse homem que guarde esse ganso pra mim, esse outro?

Ele disse... aí chegou lá e disse:

_ O senhor pode guardar esse gancho pra mim?

Aí ele disse: _ deixa aí.

_ Não vão me roubar. Sabe o que eu vou fazer?

⁴² A informante, no momento da narrativa, foi acometida de uma forte tosse.

⁴³ “(Vizil)”! Transcrição duvidosa. Onomatopéia sugere concomitantemente admiração e alegria.

Desabotoou a calça, foi e pegou os pezinhos do pato, tirou o sapato, meteu o pé do pato aqui, puxou a cabeça do ganso e deixou a cabeça dele de fora, foi, comprou o bilhete e entrou no cinema. Aí começou o filme, né.

_ Ele pegou os pezinhos do ganso, tirou o sapato do pé e meteu, prendeu os pés do ganso no pé. Aí meteu, ficou enganchado os pezinhos. Meteu a cabeça do pato pela braguilha? É foi pela perna da calça, ele enfiou o pato pela perna da calça, que ficou só o bico de fora. Aí comprou um bocado de pipoca para comer lá no filme, né. Aí quando começou o filme né, aí ele pegou e () sentadão né. Aí começou a chegar gente. Aí sentou uma grandalhona e outra (tampi...). Aí de vez em quando, (Hum! Hum!), abismada, começou a comer pipoca.⁴⁴

Com a camisa desabotoada, como aquela roupa de caboclão né. Aí também puxou o saco de pi..., o ganso estava com fome, aí ele começou a tirar pipoca, aí o ganso (tuch). Aí a mulher viu pela sombra né. Pensou que era a cabeça de uma cobra. Aí ele comendo pipoca, nem dava confiança. Aí o ganso de novo. Aí a mulher quando viu aquela arrumação, saiu, foi um alarme:

_ Socorro!!! Um bicho aqui!

Aí foi mais quem se levantou () vendo aquela arrumação. Vendo o que era e o que não era. Ele disse:

_ É o meu ganso.

Saiu todo mal, mal..., mas foi uma graça, sabe.

_ (Macãcum quã, macaqui qüinqüai).⁴⁵

_ Mas você é maluco cara! Você vir com um, com um... (trazer) um animal desses para cá. Uma ave dessas que... presa na...

_ Mas, ma... não tinha onde deixar, tive que trazer aqui meu ganso, e ele está com fome.

Aí o bicho comendo, danado, comendo a pipoca e o pessoal fazendo aquele alarme. Terminou e eu vou ver a minha novela.

⁴⁴ (JULIA, NÃO TEM NO MANUSCRITO EM QUAL LUGAR COLOCAR ESSE RODAPÉ – Eulina.) “Ele tirou os...”. Essa digressão foi provocada pela entrevistadora.

⁴⁵ “(Macãcumquã, macaqui qüinqüai)”. Onomatopéia que representa a única manifestação verbal do ganso.

O01CZlco 22/08/93 V

028

Essa eu não vou errar nem um pouquinho.

_ Está bom.

Eram duas moças amigas, amigas, amigas. Elas moravam na Vigia. Quando... e elas luxavam! Havia uma que luxava, luxava, luxava, luxava. E justamente era a dita que virava Matinta-pereira. Uma morava no Arapiranga e outra na Vigia. A que virava Matinta, era a que morava no Arapiranga. (Aí houve uma que disse:)

_ Mana, por que tu luxa tanto?

_ Por que eu compro.

_ Não, tem segredo.

O que se dá? Qual é o caso? Não sei o que.

Aí ela disse: (menina) é segredo.

Aí..., elas eram muito amigas, íntimas mesmo, quando foi um dia, ela aperriou tanto que ela disse:

_ Olha eu vou te levar, mas, tem uma coisa, eu vou pedir por tudo o que é sagrado, tu não falas e nome dos santos. Eu vou fazer isso pra ti, mas você não vai falar em nome de santo. Tu prometes?

E ela disse: _ prometo.

_ Pois eu vou te levar numa loja e você vai escolher o que você quiser.

Quando foi à noite elas (eram parceiras) num passeio.

Olha te aprontas. Mas, pelo amor de... daquele, tu não vás chamar.

Ela dizia assim: _ Um, um.

Ela disse: está bom.

Quando foi umas horas, ela disse:

_ Estás pronta?

Ela disse:

_ Pronta.

Aí ela disse:

_ Então vamos embora.

Aí ela (hipnotizou) ela, sabe. Era um bicho. Aí ela se virou numa Matinta.

Ela disse:

_ Pode agarrar aqui no meu pescoço.

Aí ela se agarrou no pescoço dela, aí (chiiill!!!).⁴⁶

_ Fecha os olhos.

Aí sumiu com ela. Foram bater () numa loja aí para os lados do Marajó, em Souress.

Chegando lá, ela abriu uma telha - pelo telhado - abriu um buraco, aí desceu com ela.

Quando ela... aí ela disse:

_ Pode abrir, não tem problema, nós estamos aqui. Escolha o que você quiser.

A loja chega estava surtidona.

_ Pode escolher.

Aí ela disse:

_ Minha nossa senhora, menina, como foi pra gente entrar aqui? Pelo amor de Cristo!

Aí ela disse:

_ Eu não te disse...!

(Chiiill!!!), sumiu. Que ela ficou presa lá na loja.

Aí, quando foi no outro dia, que o dono da loja chegou:

_ Ah! Sua safada! É você sua bandida que vem roubando a minha loja há muito tempo.

Aí ela disse:

_ Pelo amor de Deus, meu senhor! Eu nunca fiz uma coisa dessas na minha vida. Eu não sei como eu estou aqui. Uma amiga me trouxe e me deixou aqui.

_ Você é..., sua mentira. Você vai ser presa.

Aí bateram nela. A pobre pegou uma surra lá. Levaram ela para Vigia, presa.

Aí ela foi, deu o nome da companheira, aí foi um bolo desgraçado.

_ Mas isso foi verídico, foi verdade.

⁴⁶ Chiiill!!! Anomatopéia que denota vôo veloz. É acompanhado de gesto.

_ E aí, acharam a outra pessoa?

_ Acharam. A outra foi presa, essa moça, porque deu desfalque de muito numa loja. Sempre quando ela ia lá nessa loja roubar, longe, ela se virava na matinta-pereira e ia lá. E o Raimundo, esse meu marido, já viu uma matinta.

_ E como é a aparência dela?

_ (Igual) uma pessoa.

Uma noite, ele vinha aqui para a cidade nós estávamos no interior que passávamos o dia lá na estrada. Aí ele disse:

_ Chica,⁴⁷ hoje eu vou para Belém.

A gente chama assim, né? Não chama comércio.

Não, vou pra Belém. Nesse tempo a gente morava na Vigia.

_ Hoje eu vou para Belém. Vou sair daqui de madrugada.

Eu disse: _ Bom, eu não vou ficar aqui.

_ Porque não?!

Eu disse: _ Não, vou dormir na casa da minha mãe.

_ Então vai.

Aí eu pego, me apronto e jogo a menina no braço, que era só a Mica, nesse tempo, e saio né - lá para casa -, ele ficou lá fora. Quando foi, eu disse:

_ Olha, vamos embora que lá é melhor, fica bem na beirinha.

_ Não durmo aqui mesmo.

_ Está bom.

Então ficou. Menina, quando foi 1 hora, por aí, chegou Raimundo:

_ (Dona Tiulinda), (Dona Tiulinda), abra a porta que eu quero entrar. Eu vou esperar o carro aqui.

Mentira, ele chegou tremendo. Mesmo assim:

Ele viu aquele trupé: (truc, truc), igual uma pessoa andando: (truc, truc, truc, truc).

Aí, a porta do quarto era assim:, mas era só uma porta que tinha.

⁴⁷ “Chica” é a alcunha de d. Francisca – a informante.

Aí, menina, de repente, ele disse que ouviu aquele (murro) na porta que quase bota embaixo. Que, além da lamparina, lá não tem lâmpada assim, é lamparina. Que ele olha, está a mulher olhando assim pra ele. E ele conheceu ela, era daqui do Outeiro. Maria Joana, ele disse:

_ Chica, eu reconheci a mulher, ela morava no Outeiro. Essa mulher já morreu.

Aí ele veio bater aqui e perguntou pra mãe dele:

_ Mamãe, a dona Maria Joana já morreu? Ela disse:

_ Vige! Ela já morreu há muito tempo.

_ Pois (o estado de alma) foi bater comigo vira em Matinta Pereira, porque primeiramente ela assobiou: _ (Piute). Na segunda mais perto. Quando dei fê⁴⁸ ela botou a porta embaixo, e veio e ainda disse assim pra mim:

_ Sabe por que eu estou fazendo isto contigo?

Por que você não reza. Se você rezasse, eu não faria isso.

Aí ele disse:

_ Cheguei a ficar me tremendo.

_ Quer dizer que ela já havia morrido?

_ Já.

_ E havia virado Matinta Pereira?

_ Mas, porque que ela...

_ O espírito vagando.

_ Mas, por que o espírito dela estava vagando?

_ Quer dizer que ela iria continuar virando bicho?

_ É.

_ Quer dizer que ela nunca iria parar de virar bicho?

_ É.

_ Porque há o espírito que vira bicho e há o espírito... (coisa). O espírito de vida e o que a pessoa vira bicho, o do maligno, né? No livro não tem?⁴⁹ Tem o espírito maligno, feito diabo.

⁴⁸ “...dei fê”. Expressão muito utilizada no interior, quer dizer: prestei atenção, observei.

⁴⁹ “...No livro não tem?” Pode ser diferente à Bíblia.

_ Tu não rezas. () Você não reza.⁵⁰

Ainda ri do lado dele. Ele disse:

_ Chica, eu estava com o meu olho aberto, olhando para a desgraçada, assim. Eu fazendo força para pegar o terçado para dar uma terçadada. Mas quando que dava, o meu braço ficou duro.

_ Olha, me diga uma coisa: essa coisa de... passa de mãe para filho, essa arte de virar Matinta, ou não?

_ (Isso eu não sei?). O pessoal antigo, aqueles mais antigos dizem que sempre essas pessoas que viram o bicho, antigamente deixavam uma herança para o outro.

_ Ah! Eu já ouvi falar dessa herança.

_ E deixavam uma heranzinha para o outro. Porque aí nesse Olteiro, havia uma que virava bicho e foi herança que a família dele, os avós, bisavós deixaram. E ela virava bicho, o próprio filho cortou ela por que ela virava Matinta. Não, porque ela ia roubar de noite e se virava na Matinta e ia roubar lá na cozinha. Ela levava açúcar, café, tabaco.

_ Essa Matinta sempre rouba?

_ Muitas roubam.

_ E como é que há aquelas que pedem? Qual a diferença das Matintas que roubam para as Matintas que pedem?

_ Porque tem muita gente que sabe prender Matinta né.

_ E a senhora conhece alguma história de alguém que tenha prendido?

_ Não, eu já ouvi contar que uma pessoa já prendeu uma Matinta. Deram tanta porrada nela, nessa mulher até ela se desvirar. Aí ela botou todo o cabelo na cara. Foi aqui na Pratinha. Botou todo o cabelo na cara para ninguém conhecer, mas conheceram ela.

_ Quem era ela?

_ Não sei.

_ Não sabe?

_ Não, não vou contar.⁵¹

⁵⁰

⁵¹ Esta omissão pode ser pelo fato da entrevistadora morar no local onde se deu o fato.

_ Está bem! Eu não pergunto mais. Ah! Que interessante.

_ Pois é, isso é conversa do povo. Eu só acredito naquilo que eu vejo, sou feito ateu. Só acredito naquilo que eu vejo.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSOS DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES
PESQUISA: AS FORMAS SIMPLES DA NARRATIVA E IMAGINÁRIO DA
AMAZÔNIA PARAENSE

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE: LOCAL: Belém DATA: 19/09/93

NARRADOR: Maria Helena Vilanni

NOME: IDADE: 47 anos

FORMAÇÃO: 6ª série do 1º Grau PROFISSÃO: Autônoma

ORIGEM: Belém ENDEREÇO: 4ª Rua da Campina, 593

Icoaraci.

II.

ENTREVISTADOR: Veruza Mourão de Lima

NOME: 001 Cz Ico 19/09/93 VIII - 029

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará

O01 Cz Ico 19/09/93 VIII

029

Uma mulher que tinha a boca muito fedorento, sabe. Aí, foi dançar com um cara. Aí o cara disse:

_ Você peidou?

O cara disse:

_ Você peidou?

Aí ela disse:

_ Foi?

Aí ele disse:

Peidou de novo.

Disse que havia um cara que bebeu, bebeu, aí caiu assim num poste, né. Aí ele baldiou, baldiou. Aí havia um cachorro. Aí ele disse assim:... aí ele vomitou. Aí ele disse assim:

_ Poxa, eu me lembro que eu comi feijão, arroz, mas, não me lembro se eu comi esse cachorro.

Por que ele pensava que ele havia baldiado o cachorro. Só historinha assim curta, sabe.

O01 Cz Ico 19/09/93 VIII - 029

Havia uma aleijada, dessas aleijadinhas que é só aquele monte assim sabe, que vivia em cima de uma mesa.

Aí diz que aparecia um fantasma aí numa rua.

Aí ela disse assim:

_ Vá me por lá, vá me por lá, que eu quero descobrir esse fantasma.

Diz que aparecia um bichão branco assim, com as mãos abertas.

Aí o cara levou ela nas costas. Quando chegou lá, que viu o fantasma. Ele jogou ela assim: (pá), em cima do fantasma.

Aí ele voltou com medo. Aí quando ele chegou, a aleijadinho já estava em casa, sabe. Aí ela disse:

_ Ai não me pisa, ai não me pisa.

101 Cz Ico 19/09/93 XI

029

O português chegou de Portugal, aqui - no Brasil. Aí pegou e disse:

_ Quando eu for para Portugal eu vou levar um presente para minha mulher.

Aí pegou uma pedra de gelo desse tamanho e botou dentro da maleta, sabe.

Aí quando ele chegou lá em Portugal, ele disse:

_ Ei mulher, eu trouxe um presente para você.

Aí a mulher disse:

_ Fique Maneres?

Aí ele disse:

_ Tá aqui na maleta.

Aí quando ele abriu a maleta, viu que só estava o molhado aí disse:

_ Poxa vida! Além de me roubarem, ainda mijaram na minha maleta.

O01 Cz Ico 19/09/93 XII

029

Ele ia passando pelo ver-o-peso. Aí disse que tu que passava lá tinha que pesar. Aí ele fez cocô assim num papel. Fez cocô, um montão. Aí tinha que... tudo que passasse lá tinha que ser 5 kg. Aí quando ele pesou só deu 3 kg. O cara pegou o pacote de bosta, aí jogou na cara do português. Aí ele foi para Portugal. Aí ele chegou lá e disse:

_ Puxa Maneres. No Brasil se não cagar 5 kg de cocô, leva merda pela cara.

O01 Cz Ico 19/09/93 XIII

029

Aí ele disse assim:

_ Padre, eu tenho um pecado muito grave para contato para o senhor.

Aí ele disse:

_ O que é filho?

Ele disse:

_ Todos esses meninos loiros daqui dessa cidade são meus filhos.

Aí o padre disse:

_ Ei filho, isso é pecado por que você fez isso! Você não deveria ter feito isso.

Ele disse:

_ O que é que eu faço para diminuir o pecado?

Ele disse:

_ Amanhã na hora da missa, você diz que... pede desculpas para os pais e diz que todos esses meninos daqui são seus filhos.

Aí ele disse:

_ Tá bom.

Aí, quando foi no outro dia, ele, na hora da missa disse:

_ Senhores e senhoras. Eu vi avisar para vocês que todos esses meninos loiros que há aqui, todos são filhos desse padre.

Aí o padre ô.

E correram atrás do padre para matar.

O01 Cz Ico 19/09/93 XVII

029

Eles estavam andando assim, aí ele disse que havia morrido um cavalo.
Morreu um cavalo. Sabes o negócio do cavalo, estava no chão. Aí ele disse:

Irmã!!! Mataram o padre Joaquim

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO E EM LETRAS EM ARTES
PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS E
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Mônica de Nazaré Cardoso

IDADE: 19 anos

FORMAÇÃO: Primária (4ª série)

PROFISSÃO: Dona-de-Casa.

ORIGEM: Belém

ENDEREÇO: Pass: Estélio Maroja, 59

Pratinha

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Veruza Mourão de Lima

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará

DATA: 19/09/93

III.

CÓDIGO: O01Cz Ico 19/09/93 – XV

030

O01Cz Ico 19/09/93 – XV

030

Era uma vez dois mosquitos. Aí era uma fazenda. Aí tinha uma vaca né. Aí o mosquito falou para o outro:

_ Cara, tu queres ver como eu vou comer essa vaca?

E o mosquito falou para o outro:

_ Eu quero ver.

_ Vai ser amanhã de manhã.

_ Aí...:

_ Tá legal!

Aí chegou de manhã, aí na hora o mosquito falou para o amigo dele:

_ Vai ser agora.

Aí... (pá). A vaca ia cagar. Na hora a vaca cagou. Aí o mosquito caiu no chão:

(paf!!!).

Aí olhou para o amigo dele e disse:

_ Comigo é assim: não aguentou, cagou.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSOS DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES
PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS E
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Maria Cristina Cardoso (Potira)

IDADE: 22 anos

FORMAÇÃO: Primária (4ª série)

PROFISSÃO: Manicure

ORIGEM: Belém

ENDEREÇO: Pass. Estélio Maroja, 59
Pratinha

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Veruza Mourão Lima

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará DATA: 19/09/93

III.

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XVI

031

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XVI

031

Eram dois camelos. Então o outro cara que estava do lado disse assim mesmo:

_ O meu camelo bebe 250 litros de água.

Ele disse:

_ Negativo. O camelo bebe 200.

_ O meu bebe 250.

_ Vamos fazer uma aposta?

_ Uma hora.

Apostaram lá né. Botaram uma vasilha enorme. 250 de um lado e 200 de outro () havia as duas vasilhas enormes que eu já disse né: 250 de um lado e 200 de outro. Daí o camelo de 200 litros de água, bebeu os 200 normais né.

_ Taí, o meu bebeu os 200 litros. O teu vai beber os 200 e...

_ Vai, vai beber.

Daí o camelo começou né. Bebeu os 200, aí quando estava em 220, o homem só fez mirar e deu-lhe. É (brill!!!) debaixo do culhão dele, que ele só fez (uss...!!!).

_ Eu não te disse que o meu camelo bebe os 250.

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XVIII

031

Aquela reunião né:

_ Morreu!!!, Chegou uma bicha esparramenta, né. _ Morreu!!! Morreu!!! ()

Morreu!!! Morreu!

_ Quem morreu?

_ Morreu a Bete.

_ Mas do quê?

_ Não sei, mas, morreu.

Aí choraram.

_ Não consigo acreditar! _ A bicha, que a Bete morreu.

Daí foram para o enterro e tudo, né. E enterram a Bete, né. Daí o gay:

_ Ai meu Deus!!! Olha a Bete, a Bete, a Bete.

Daí passou né. Daí na sétima missa no sétimo dia já, foram lá, foram abrir o caixão, abriram o caixão. Estava lá a bicha de bruço. Daí essa bicha - esparramenta né - só fez apontar:

_ Oh! Eu não disse: o que é do homem o bicho não come.

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XIX

031

Havia um homem defeituoso né. Um tinha os braços, mas não tinha as pernas. O outro já não tinha as pernas e nem tinha braços. Então, esse que estava lá do lado dele sem braços e sem pernas né, estava todo se mexendo, todo né, se mexendo e se retorcia. Daí o outro que não tinha braços e só tinha pernas, olhou para ele disse:

_ É verdade. Eu aqui sou triste porque não tenho pernas e tu aí olha, sem braços, sem pernas, parece que está feliz da vida. Está até dançando.

Ele disse:

_ O que? É por que está coçando o meu cu e eu não posso coçar.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES
PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE.

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Amélia Pereira Monteiro

IDADE: 87 anos

FORMAÇÃO: Primária (não soube especificar)

PROFISSÃO: Dona de Casa

ORIGEM: Abaetetuba

ENDEREÇO: Pass. Novo Continente, 67
Pratinha

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Veruza Mourão Lima

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará DATA: 19/09/93

III.

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XX

032

CÓDIGO: O01 Cz Ico 19/09/93 – XX

032

_ Foi no Município do Marajó, à beira-mar.

_ E como é que foi?

_ O Rio se chama algodão.

_ O que foi que aconteceu com seu filho, a senhora pode contar toda a história?

_ Foi isso que eu lhe disse: que ele estava lavando a canoa e apareceu esse pretinho lá dentro da embarcação com ele e perguntou para ele o que estava fazendo. E ele disse que estava lavando o barco do meu pai, a canoa é dele. Ele foi para a proa. Quando ele tornou a voltar, ele só se (escorregou) assim e pulou na água. E ele ficou com medo e não quis ficar na canoa e veio embora para pedra chorando.

Aí a prima dele disse:

_ O que é Cici, o que é que tu tens?

Ele disse:

_ Um homem que estava ali no barco comigo na montaria.

_ Como era o homem?

_ Um pequeno, preto que estava lá.

Desde essa data, ele não quis comer mais, ficou morfino, deu febre, dor de cabeça. Quando deu de noite, ele não deixou ninguém dormir. Muita febre mesmo. Quando deu nele muita dor de cabeça, ele só estava enxergando:

_ Ele está ali, está ali.

Arrumaram tanta coisa pela rede dele. Cercaram ele de rede assim, e ele dizia que o homem estava lá, o bicho estava lá. E desde essa data ele tem esse medo com ele.

_ E o que foi que o boto fez com ele?

_ Foi só isso?

Mas qual o nome que se dá? O boto malinou?

_ Deu essa dor de cabeça, com essa febre. Foi só isso.

_ Mas ele ficou brincando com o boto, não ficou?

_ Não, ele não ficou. Ele ficou com medo, ele saiu logo para a pedra e veio logo embora.

Ele pulou. Ele viu quando ele pulou na água e ainda jogou água, disse que da boca assim. E sentou.

Faz muitos anos isso. Ele já está com uma idade grande já. Ele tinha parece que uns doze anos. Não fazia muito tempo que o pai dele havia morrido.

TRANSCRIÇÃO

A01 CZ cr 13/08/93

TIPOLOGIA DO INFORMANTE

Local: Departamento de Antropologia e Museu Emílio Goldi

Rua Manoel Barata. Av. Magalhães Barata, 376 – S. Braz

Data: 13/08/93

Narrador: Maria das Graças S. da Silva

Idade: 46 anos

Formação: 3º Grau

Profissão: Geógrafa

Origem: Manaus - Amazonas

Endereço: Rua dos Pariquis - Vila Lusitânia, 81

Entrevistador: Lucia Santana e Yara S. da Costa

Nome: Lucia Santana

Instituição: UFPA

Data: 13/08/93

Ac1 CZ cr 13/08/93 – X

_ Ok Grace, vamos lá.

_ Que horas são Iara?

_ São dez e vinte.

_ Dez e... tu tem hora aí?

_ Não, mas é por aí.

_ Meio-dia você fala pra mim.

_ Hum hum! Tá legal.

_ Então como tu conhece várias histórias né, se a senhora puder falar pra gente suas experiências tudinho, fale uma boa ok?

_ Ah não, eu, eu, sabe como é que é né Lucia, eu vivia aqui em Belém quando eu era guria quando eu cheguei aqui eu via o pessoal falar no caso do do Igarapé das Almas⁵² que até hoje eu não sei se é Armas ou é Almas né? Era eu morava na Boaventura, era guria, e o pessoal sempre estava falando: _ olha não vão brincar no Igarapé das Almas ou das Armas, que lá e... tem almas penadas e isso era uma coisa assim que todo mundo falava né?, era era um igarapé né! Que tinha muito mato, não era a Doca de Souza Franco que é hoje né? Toda ornamentada e tal né. Então o pessoal falava pra'quela área lá tinha Matinta-pereira, não só as almas, mas Matinta-pereira, curupira⁵³ e depois muito tempo quando eu saí, quando eu já frequentava a Universidade fiz o curso com o professor Napoleão sobre o folclore, uma das coisas mais importantes que ele me disse, que ele nos disse né? Que o professor Napoleão já faleceu foi o seguinte, eles nos disse que a... essas, essas assombrações, essas eh, entidades da mata todas elas com a urbanização elas tinham uma tendência a se afastarem né, das áreas, das áreas, tradicional de onde elas habitavam né, tanto que hoje não se vê falar mais do Igarapé das Armas ou das Almas sobre almas penadas, sobre curupira, sobre Matinta-pereira e pra mim isso foi uma coisa marcante o curso do folclore quando ele colocou essa questão né? Que a... e

⁵² Igarapé das Almas – segundo Walcir Monteiro as duas expressões, Igarapé das Almas ou das Armas são válidas. A primeira é atribuída ao fato de já nos fins da cabanagem, um grupo de cabanos haver escondido neste igarapé suas armas na juga que então empreenderam. E o nome ficou Igarapé das Armas até o dia em que os habitantes das redondezas (reduto) afirmaram ter visto espíritos de cabanos falecidos vaguearem atrás das armas escondidas. Daí e diante Igarapé das Almas.

⁵³ Curupira – o mais famoso e endiabrado dos duendes da floresta. Apresentam-no em geral, sobre a forma de um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo, com os pés virados para trás e privado de órgãos sexuais.

também uma das coisas que ele me falou que toda essas entidades né. Da mata, do rio, dos lagos e etc..., elas, elas, elas são elas usadas pela população como mecanismo de proteção daquele ambiente.

(_ Graça!).⁵⁴

_ Alô, alô, oi.

_ Onde eu tava...

(_ No professor).

Então ele falou né que essas, essas entidades tanto da mata como da água, eh, de lagos e etc... todas elas tinham uma função primordial de proteger o ambiente e depois quando ele disse isso eu fiquei assim, eu ainda era uma pessoa ainda iniciando na Universidade e tal aí eu fiquei assim meia... sem sem nem questionamento dentro de mim depois é que fui observar é porque que as pessoas metem medo uma nas outras, porque que determinadas horas você não pode andar em determinados lugares da mata, quando alguém diz: olha o curupira te pega, justamente porque é é são estas, essas, essas, essas, esses medos né, essas pressões, que é uma pressão social né que afasta as pessoas né di, afastam entre aspas né as pessoas daqueles ambientes né, tanto faz do mundo aquático como no mundo terrestre tá? E é... a... isto acontece né! É um detalhe apenas que eu queria colocar.

⁵⁴ Graça – interrupção de um colega de trabalho da informante.

A01 CZ cr 13/08/93 - XI

BOTO

É, outra coisa também que ouvia falar muito quando eu cheguei aqui em Belém, era do, não só em Belém, mas desde Manaus né? Quer dizer eu mo..., eu fui interna na, na nas margens do Rio Amazonas e quando estava lá, geralmente tinha um mestre, um mestre de piano né? Que ele falava pra gente assim: _ olha todas as vezes que vocês é... observarem boto, pra vocês afugentarem por favor é... batam palmas e digam pimenta com alho né, digam pimenta com alho que ele se afasta e falavam também que tinha o boto Tucuxi,⁵⁵ que era um boto amigo que ele trazia todos os afogados para beira do rio quando a pessoa tava se afogando, aí o boto Tucuxi ajudava a... trazer as pessoas quer dizer o boto, a história do boto é... ela não está só relacionada com o emprenhamento de mulheres, no caso por Manaus né quando eu ouvia essa histórias, mas também com o salvamento de pessoas né, é acompanhar embarcações como se fosse um amigo é, acompanhando do lado das embarcações sempre falavam isso né, e para afugenta-los eu, a gente tinha também um, uma receita né, era pimenta com alho, gritava pimenta com alho e batia palma assim ou assim.⁵⁶

Na lâmina d'água⁵⁷ né para afugentar os botos. Então isso eu via muito né?, aí nós fazíamos muito, cansei de fazer isso na beira do Rio Regro né, nas margens do Rio Negro.

⁵⁵ Boto Tucuxi: nome popular de mamíferos da ordem dos cetáceos odontocetos, pertencente à família dos delfínídeos (marinha) e dos platanistídeos (de água doce) possuem cerca de dois metros de comprimento, rosto curto, cabeça relativamente grande, nadadeira dorsal que se estende até as proximidades da calda e são da cor alaranjada nas partes laterais, muito comum no Brasil.

⁵⁶ Gestual – a informante para demonstrar sua receita bate palmas com as duas mãos juntas e para representar a outra forma bate com uma das mãos sobre a mesa.

⁵⁷ Lâmina d'água.

A 01 CZcr 13/08/93 XII

BOTO

(É. Alguma história de boto já aconteceu com a senhora?)

_ Não, não, nem, não, agora muitas alunas assim quanto estavam menstruadas tinham medo né? De ir para dentro d'água porque o o as pessoas diziam: _ olha o boto te encanta.

A 01 CZ cr 13/08/93 XIII

BOTO

Por exemplo, uma das brincadeiras muito importante da minha infância era ficar rolando nos paus que desciam das serrarias né? Que aqueles paus que ficavam, que ficavam de bubuia⁵⁸ em cima d'água aí a gente brincava rolando como se fosse é é... um camburão né? Em cima aí a gente sempre ficava de frente para o para o para o rio e nunca de costas porque a diziam também que quando a gente tava de costa o boto encantava a gente através da nossa sombra, né, pegava nossa sombra e levava e com ele. A gente é... como isso nós éramos encantadas né, então isso eu, eu ouvia e praticava né, nunca ficava de costa para o Rio Negro, isso em Manaus né aí depois eu vim para cá para Belém eu vi muitas histórias de boto né?

⁵⁸ Bubuia – a flor d'água, quando não afunda n'água.

A 01 CZ cr 13/08/93 XIV

BOTO

(_ Mas não aconteceu nada com a senhora?)

_ Não, nunca aconteceu nada.

(_ Em Santo Antônio)

Ah! Mas aqui em Belém, já aqui em Belém, isso foi no Acará né, eu tava passeando no Acará, na casa da professora Deusa né, inclusive um dos irmãos dela moravam na minha casa com a minha mãe, então é a é a minha mãe tinha uma espécie de restaurante e me convidaram né como você sabe as né, quando a gente se dá com uma pessoa do interior eles fazem questão de nos levar na casa em que eles moram um né, no povoado, na cidade ou no município, aí eu fui pro Acará, casa da dona Deusa, então a casa da dona Deusa ela ficava assim na frente do rio, é do rio, tinha uma estiva e tinha uma ponte que dava para o rio, todas as pessoas que atacavam nesta ponte, todas, né deixavam sua canoa tinha o que vim pela ponte e passar pela estiva de madeira em frente à nossa casa e a janela é..., eu ficava sempre na janela porque eu era, não tinha nada mesmo pra fazer e era uma pessoa que tava chegando e a noite ela tinha um cuidado comigo, que eu ainda era muito gurria né? Ainda, à noite eu quase não saía assim pra conversar com as pessoas, mas ficava na janela olhando para o mar né, principalmente para o rio Acará né na escuridão, e de repente e vi como a pessoa atracou na canoa por há, eh, o vulto né? A gente percebe todo de branco e tal, aí eu vi essa pessoa, veio na canoa, amarrou a canoa, subiu na escada e pegou e a a pontezinha né, e aí, aí eu disse:

_ Dona Deusa, vem uma pessoa ali.

Aí ela disse pra mim assim:

_ É, geralmente vem graça, se preocupe não todo mundo passa por aqui pela nossa porta.

Aí ta, aí ele veio, veio era um homem alto, vinha de chapéu né, aí eu peguei, fiquei na janela, de repente eu disse:

_ Olhe, ele já tá se aproximando e ela se levantou, no que ela se levantou eu olhei pra trás pra ela né, e quando eu vi, quando nós vimos só foi aquele vulto se jogando dentro d'água e aí ela disse para mim:

_ Olha Graça deve ser boto, sai daí porque depois tu pode ficar encantada.

Foi uma das coisa que eu sabe vi aqui em Belém né, essa pessoa se jogando n'água com toda a roupa parecia assim, mesmo na noite né quando ele se aproximou da gente, ele todo de branco, e a roupa parecia assim de linho bambeava assim no corpo né, dele.

(Hum!)

_ Uma coisa assim parecia um um vento uma coisa bastante leve e isso foi uma das histórias assim que aconteceram comigo né, aqui em Belém.

A 01 CZ cr 13/08/93 XV

MATINTA PEREIRA

(_ E quando na sua vila, na Vila Luzitânia? Ah, não tem também histórias?)

Na Vila Luzitânia uma vez na nossa casa nós tínhamos malária né.

(_ Uhum Uhum).

_ É... a gente fazia mala à noite, foi com isso que eu criei todos os meus filhos, uma das coisas mais importantes, interessantes, que hoje o João não faz mais isso né? Malas, mas o que eu achei interessante é que tinha muita gente em casa e eles meus filhos eram todos pequenos é, e de repente de noite, todas as noites a gente ouvia assovios, era barulhos para fora, nessa época a a vila não tinha a casa que tem hoje né, era, era um chamado que eles chamam de Igapó, Igapó né, lama, água é e muito matagal né e aquelas estivas que saíam da minha porta até a Pariquis, aí nessa noite que nós estávamos lá um... tavam vários rapazes fazendo serão né, costurando mala aí ouviram um assobio, aí eles começaram a brincar, é com os assovios né, aí de repente me disseram assim:

_ Olha diz é... amanhã eu passo pra buscar cigarro viu?, como eu sou uma criatura muito molequa comecei a fazer isto né, eu disse:

_ Ei, amanhã passa pra pegar o cigarro, aí eu peguei né, disse isso tudo bem.

Quando foi de manhã bem cedinho uma senhora que mora lá perto de casa, eles disseram, antes eles disseram:

_ Matintapereira, eles falaram pra mim né, aí eu brincando disse:

_ Olha amanhã passa pra pegar um cigarro, aí depois eu eu...

Quando foi de manhã cedo que eles, é... abriram a porta né? Aí pelo batido né tinha gente batendo assim na porta, aí eu disse:

_ Puxa, quem é que bate tão cedo? Tipo seis e meia a cinco da manhã?

Aí que eu abri a porta tem uma senhora que mora perto de casa né?, morava perto de casa e ela me disse seguinte:

_ D. Graça, seu João tem cigarro?

Aí quando ela me falou essa frase assim eu me, me recomendei da noite anterior né, eu disse:

_ Puxa vida será que essa senhora é a Matintapereira, então eu não sei, não sei se foi coincidência, não sei o que foi né? Mas isso aconteceu também lá em casa.

A 01 CZ cr 13/08/93 XVI

Outro fato também interessante que que e... eles contavam que na porta de casa, assim um pouco adiante tinha é... desaparecido na na, como eles falavam, na lamagulosa do Igapó, uma carruagem é uma carroça com um homem né, logo quando eu fui para a vila o pessoal falava essas coisas aí né e... outras coisas mesmo da de Belém assim que eu via quando era menina né era a moça do táxi, que ela morava na Alcindo Cacela eu me lembro muito bem disso.

A 01 CZ cr 13/08/93 XVII

Outra vez foi também um um rapaz, e nos contou que vinha andando lá do jogo, ali na Curuzu né, vinha correndo aí, já era tarde, nessa época aí os ônibus não tinham essa facilidade que tem hoje né, aí de repente veio uma pessoa atrás dele correndo:

_ Ei fulano, fulano espera aí. Ele corria, ei fulano.

Aí, ele não parava, no que ele cansava e parou que ele olhou para trás, essa figura que vinha atrás dele não tinha rosto né?, era uma, uma, uma pessoa, que tinha o corpo a parte atrás da cabeça e não tinha rosto, a parte da frente, era aquilo oco né e isso eu ouvi também contarem aqui em Belém essa essa coisa né?

A 01 CZ cr 13/08/93 XVIII

MOÇA DO TÁXI

(_ E essa moça do táxi?)

_ Não a moça do táxi eram as histórias que corriam né aqui em Belém mesmo, que ela morava na Alcindo Cacela, que ela pegava um táxi em determinada hora pedia para o motorista levá-la até a casa né, só que uma vez, um dos motoristas ele ele saltou a passageira, parece que ela pediu para ele vim receber no outro dia e ele veio e ele disse:

_ Olhe a moça que eu trouxe foi essa, aí a senhora, dona da casa né, mãe ou tia, não sei o que, disse para ele:

_ Não, mas essa moça já é morta há trinta anos, sabe?, entende? Então essas histórias assim eu ouvia contar aqui em Belém essas histórias.

A 01 CZ cr 13/08/93 XIX

O ENTERRO

(A senhora quando faz pesquisa pro lado do Salgado né, a senhora também ouviu muitas coisas, principalmente pra Marudá, Marapanim, dos caboclos mesmo contando, a senhora sabe algumas histórias relatadas por eles.

_ Olha eu só sei fragmentos estas histórias né, assim é..., quer dizer, eu digo fragmentos porque essas histórias elas já foram contadas por várias pessoas e elas ficam muito fragmentadas na minha cabeça né?, por exemplo lá em Marudá a dona Arlete falava para nós que tinha um... um..., que até hoje existe isso, passa por lá todas as noites, um enterro né, todas as noites, aquelas pessoas cantando o enterro como antigamente né, as pessoas são levadas na rede né? Penduradas na rede e vai um monte de pessoas, vários filhos, com ela chama as velhas né, ela chama de filhos vai passando né? Também, isso eu soube lá em Marudá, esses esses enterros né, vão embora cantando como antigamente, cantando eu latim, que ela me fala isso né, me falou isso, até hoje isso acontece lá em Marudá.

(Mas foram vistas pelas pessoas?)

_ Muitas pessoas já viram né, por exem por exem, outra coisa também é... muitas pessoas já viram isto em Marudá e ela me disse que isso, todo mundo lá sabe desse desse enterro.

A 01 CZ cr 13/08/93 XX

OIARA

Outra também ela me falou foi a..., não só ela, como outras senhoras né, mais idosas me falam das Oiaras que são meninas, loiras né, que brincam com a população, com o caboclo né, que às vezes você pensa que é... está indo com um companheiro ela, ela é é a, pelas histórias que eles me contaram, parece-me que ela não só se vira é é de em garotas, em pessoas loiras assim..., mas elas se viram também em pessoas adultas, por que você pode estar indo pelo com um companheiro para as manguais⁵⁹ e de repente esse companheiro não é mais teu companheiro ele já é a Oiara, que está lá encarnada no teu companheiro pra te mexer, pra te brincar, pra te fazer perder na, na, na mata né? E eles me falavam sempre disso né, que elas vivem na mata na beira de, de, de a de iga, igarapés que tem muito pro centro na mata né, as Oiaras né.

⁵⁹ Mangais ou mangue – terreno baixo, junto a costa sujeito as inundações das marés. Estes terrenos são, na quase totalidade, constituídas de vasas (lamas) de depósitos recentes. Esse terreno é habitat de diversos animais, inclusive do carangueijo.

A 01 CZ cr 13/08/93 XXI

Outra, outra coisa também que ouvi falar né? Do fogo, do fogo é, que aparece né, na im vários lugares da praia né? Inclu, se alguém se alguém não mexer com ele, ele não avança, são bolas de fogo que passam na praia de um lado para outro né, o pescador já viu, é, senhoras já viram né, também, vários. É, então várias bolas de fogo e eles me falaram que ele, não mexe com ninguém, só corre atrás das pessoas esse só fica assim no lado das pessoas, não perturba nada.

A 01 CZ cr 13/08/93 XXII

Outra também né, as histórias né que já tá tão deturpadas, que eu acho da do princesa né, o Lago da Princesa. Falam dela com uma mulher loira né? E nunca me interessei assim apesar de viver na zona do Salgado, apesar de gostar muito do mundo imaginários das pessoas, que é o mundo que eu costumo brincar muito né, eu tô sempre brincando, apelidando as pessoas de é, Senhora do Lago⁶⁰ e, Morgana, é Apolo e Queronte,⁶¹ então eu brinco muito né dentro da cidade mesmo com essas entidades que eu vejo, que eu já li e que eu já ouvi as histórias e, eu, tem certas pessoas que elas possuem uma certas características com essa esse co essas entidades desse mundo mi, mitológico, imaginário e etc..., então a a a, a, a, a princesa é é uma das figuras fortíssimas da zona de Salgado né? E segundo trabalho que nós realizamos de artes plásticas com crianças né?, somente os homens são capazes de ver a princesas, as mulheres não, tem mulheres que nunca viram, aliás nunca deram depoimento que viram a princesa, só os homens né? Eu eu fico pensando muito né, nisso porque só os homens mesmo que tem um horizonte, mais é... ampliado né? Porque ele sai para pescar, eles tem em determinado lugares do mar em que as mulheres não se atrevem a ir né? Pela própria divisão de trabalho, não que ela não possa ir, ela até pode ir né?, mas existe é..., recentemente fui fazer uma viagem em Marudá e eu percebi na, na canoa a vela que eu vinha de Fortalezinha pra pra Marudá né, nas minhas férias, eu percebi como que os homens manipulam as mulheres dentro do que eu via né, eles me metinham medo, eles diziam pra mim assim é:

_ Ah, eu quero ver quando a gente contornar ao algodoal, as ondas, eu quero ver essa canoa virar, ah o vento, eles ficavam sabe me metendo uma, a viagem foi muito interessante, só que não apreciei mais porque eu eu eu percebi né que eles estavam me metendo uma série de medo né, dentro da canoa né que fez com que eu é meu lado mesmo, meu lado feminino até ou sei lá o meu lado frágil, não sei se é isso que eu posso dizer ficou transforma-se numa coisa chamada covardia né, e vendo isso eu eu fiquei imaginando, eu fiquei supondo o que eles não fazem, é... para as outras mulheres, porque que as mulheres não navegam? Não vão pescar, não vão acompanhar seus maridos em alto-mar, porque existe uma série de sanções, proibindo, sabe, por que eu vejo, por

⁶⁰ Senhora do Lago e Morgana – personagens da mitologia céltica.

⁶¹ Apolo e Queronte – personagens da mitologia grega.

exemplo, a dona Francisca em Marudá, lá em Fortalezinha, quer dizer, ela pesca de curral,⁶² ela vai faz despesca,⁶³ ela vai tirar Turú⁶⁴ no mangal, ela tira caranguejos sabe, ela apanha Sarnamer,⁶⁵ e porque que ela não pesca em alto-mar? Sabe? Por causas dessas sanções que eles criam né?, para o mundo feminino, foi isso que eu concluí com essa viagem que eu fiz em Marudá, né, uma série de medo.

_ Ah! Você não vai aguentar, você vai vomitar, você vai enjoar né?... Mesmo fazendo esse percurso de ao, de, For, Fortalezinha até Marudá, eles pensavam que eu iria vomitar () né, eles pensavam, porque de fato é uma uma baía de Marudá é muito aberta, muitas ondas, mas eu não senti isso, o que eu senti somente foi o medo imposto por eles né..

⁶² Pesca de curral – tipo de pesca artesanal utilizada para a captura de peixe. No litoral paraense o curral é feito de varas e cipós nas margens do mar ou dos rios. Há três tipos de currais: o curral coração, cachimbo e o caçoeira.

⁶³ Despesca – a tarefa da despesca pode ser feita de duas maneiras: 1) quando o curral está muito distante do porto, é necessário que os pescadores se desloquem utilizando as canoas até o curral, depois redam a sala (uma das partes do curral), amarram a canoa na boca do chiqueiro, vasculham o chiqueiro em círculo, com a rede batendo um dos calões no fundo do curral, fecham a rede, levantam a rede e abrem para despejar o pescado e finalmente se deslocam do ponto do curral para o porto. 2) segundo a informante a segunda maneira de despescar o curral é quando a maré baixa, possibilitando o deslocamento das pessoas (a pé) até o ponto do curral, não sendo necessário trabalhar com a rede, pois os peixes já estão encurralados, então se retira os peixes com as mãos.

⁶⁴ Turú – segundo a informante é um animal semelhante a uma verme, de cor acizentada, de grande valor nutritivo encontrada dentro dos paus podres no mangue.

⁶⁵ Sarnamer – espécie de molusco, coletados nos leitões dos braços ou furos do mar. Esses moluscos complementam a alimentação da população do norte paraense.

A 01 CZ cr 13/08/93 XXIII

O NAVIO ENCANTADO

(_ E isso a senhora acha que é por isso que as mulheres dessa área não, não vêm essas entidades por causa...)

_ É, já que elas, elas não, já que elas não viajam, por exemplo, eles têm um navio encantado né, que eles já colocaram pra nós né, que os homens vão viajando e de repente eles entram dentro de um navio, pela traseira do navio, o navio se abre e eles entram né, e aí quando ele só vêem as paredes do navio, eles vão como se o navio partir-se ao meio, tais entendendo? Aí eles vêem a parede, que quando eles olham pra trás não existe navio nenhum entende?, então não só os homens que contam as histórias em Fortalezinha, só eles que contam as histórias e o, e o, que eu conluo, que eles têm um acesso maior do espaço geográfico né?, do universo, o universo dele é mais amplo do que o das mulheres.

A mulheres, eu, geralmente a gente não conversa quase com as mulheres sobre a questão, essas questões né, são os homens que nos dão as informações, eu não sei porque, eu não sei se foi, não sei, eu não sei ainda porque a gente não procura as mulheres, geralmente a gente procura os homens para falar dessas coisas né.

A 01 CZ cr 13/08/93 XXIV

MATINTAPEREIRA

(_ D. Graça certa vez a senhora me contou sobre seu encontro com a Matintapereira).

_ Ah! isso aí foi uma vez né, que a gente tava é eu e a Lucinha né, é a gente mexe muito com essas coisas né, ler muito sobre essas coisas e faz as nossas interpretações né, tu sabe que é uma das coisas mais interessantes que nós interpretamos, depois que nós lemos as Brumas de Avalon, né no caso né, é... uma das coisas mais fascinantes que eu acho que eu e a Lucia nos indagamos depois que a gente leu mesmo, leu e estudou as Brumas de Avalon tirando a parte da ficção e etc... nós tentamos reaver aqui, principalmente no continente americano, aonde estavam a... o fogo de Igrane, o fogo de Beltrane né, onde que estava isso na nossa história do do folclórico né, e nós através das leituras, através de toda a a leituras, não só das Brumas, mas do povo céltico etc... nós encontramos esse referencial nas fogueiras de São João nas quadras juninas, aonde o povo todo se reúne, bebe e dança, as festas pagãs né, aonde todas as pessoas namoram, encontro de namorados, encontro de de amantes e etc... etc..., então a gente vive mexendo com essas questões até que a Lucinha hoje né tá nesse projeto que eu acho assim uma das coisas muito importante pra a vida dela, porque ela vai mexer com coisas que ela já vem mexendo há muito tempo desde a infância dela, porque eu..., eu não sei, eu não sei se eu sou um pouco mística também, eu brinquei muito com o, eu vivo brincando com o imaginário do meu mundo e do mundo das pessoas, também, então quando nós fomos com a Matinta, é lá pra Fortalezinha, nós tínhamos acabado de de de ler as Brumas de Avalon tanto que eu comecei a brincar com ela chamei ela de Morgana né, que Morgana é grande feiticeira né, mas é aquela que realmente vai do ponto de vista da mulher, vai questionar uma série de coisas nas Brumas de Avalon, e eu era a Senhora do Lago, a que via o futuro das coisas junto com Morgana também e a gente viveu o papel de Morgana e Senhora do Lago em Fortalezinha no centro da nossa, das nossas brincadeiras, vivemos tanto que nós mapeamos vários lugares lá nos santuários dos coqueiros, onde eu fiz a exposição recentemente denominada de é... manhã – deu - ar em homenagem a ilha de Maiandeu e eu ela vivemos esses papéis, encontramos Apólos,

encontramos Querontes é, encontramos uma série de..., quer dizer, mapeamos e classificamos pessoas né, e e que tinham algumas características parecidas com essas criaturas de ficção ou não mas a gente fez isso né?... é e nas nossas andanças é, sempre imbuídas deste imaginário a gente chamava né. O reino de Íria aonde mora o Herodes que é o Godofredo né, aonde mora uma série de pessoas assim, e são nessas caminhadas um dia eu e Lucia indo pro Igarapé assim umas 6 horas da tarde, uma hora assim, que é uma hora místicas dentro do imaginário deles, né, na hora que as pessoas não podem estar em igarapés e tal, e eu, Lucia criamos o Reino de Íria, no caso né que é o local de Fortalezinha não é um local de Fortalezinha, nós que intitulamos Reino de Íria, mas é o (tomar) né, e a gente foi, de repente e saiu de dentro da mata né uma senhora de luto, luto fechado né, com mangas compridas e até aqui, a roupa dela até...

(É, abaixo do joelho...)

_ É abaixo do joelho né, de cabelos pretos, muito ereta passou por uma pessoa que era o Alexandre que também era uma pessoa é que eu digo que é uma pessoa da nossa tribo porque ele estava mexendo com ufologia né, essas coisas, ele vivia atrás dessas questões é, a gente conversava e trocava idéias sobre essas, sobre o que eu pensava disso e o que ele pensava né? É é... ele muito místico também. E eu e Lucia, andando eu até brincava com a Lucia que era o caminho de Santiago⁶⁶ que a gente tava fazendo, aí de repente essa pessoa sai de dentro da mata né, passa pelo Alexandre, passa pela Lucia e eu na brincadeira, a Lucia se arrepia toda né, eu também, e eu na brincadeira digo:

_ Essa é uma das nossas Lucia né, aí foi embora, muito séria, aí eu digo assim:

_ Matintapereira, eu disse pra ela, né? Então eu, aí foi embora, depois ela vou, quando a gente voltava, ela passou direto e sumiu dentro da mata, já era quase 7 horas da noite lá em Fortalezinha não tem luz né, ela foi embora dentro da mata, porque uma das coisas mais interessantes desse local que eu vejo é que a noite, noite assim, noite de lua minguante é muito escuro, então você fala com alguém e esse alguém te conhece, mas tu não conhece esse alguém, tu estais entendendo?, oi, olá, ele sabe quem és tu, mas tu não sabes quem é eles, é um vulto que passa por ti, é uma coisa muito impressionante você

⁶⁶ Caminho de Santiago – referência ao caminho ou peregrinação a Cidade de Santiago de Compostela na Espanha.

vive pelos caminhos é... se deparando com pessoas, que passa por você na noite escura, mas você não conhece, não sabe quem é, sabe por que fala contigo:

_ Oi? Oi, olá, sabe e vão passando só esse cumprimento, eles não te dizem mais nada a não ser te cumprimentar na tua passagem né por lá, então essa pessoa passou pela gente e não falou com a gente nem na ida, nem na vinda, e eu eu brinquei com a Lucia e disse:

_ Essa é uma das nossas, porque lá em Fortalezinha o pessoal fala que tem muitas bruxas, inclusive tem pessoas que já viram essa pessoa virar bruxa numa vassoura, eu sempre falo como eu vivo brincando com isso:

_ Lucia é é devem ser figuras fortíssimas essas bruxas né?, essas mulheres que viram bruxas e eu e eles pensam que me amedrontam, mas eles não me amedrontam não, eu acho interessante isso e me confronto diariamente com a pessoa que eles dizem que vira bruxa, com a mãe e com a filha né.

A 01 CZ cr 13/08/93 XXV

O CORDÃO⁶⁷ DA FEITICEIRA

Eles apontam os lugares em tal lugar tem uma bruxa e tal e coincidência ou não quando eu estava de férias agora veio um cordão de brincantes é trazido pelo professor que era a prova desses alunos veio de, da onde de Marudazinho chamado Cordão da Feiticeira entende?, eu fiquei curiosa então eram vários garotos meninos, todos meninos, não tinha uma menina né e, e... Uma, dois senhores tocando né, esse, esse vinte garotos de Marudazinho, o Cordão da Feiticeira, como eles cantavam uma música pedindo licença para se apresentar no determinado local né, como se fosse uma pastorinha,⁶⁸ e lá eles (emendavam) uma comédia, alguém no centro, um garoto fazendo o papel de uma mulher grávida, dizia:

_ Ai! meu estômago e chamava assim pro, pro dono da casa, Bernardo, ai meu estômago Bernardo, eu tô com dor de estômago, aí tinha um pajé⁶⁹ que cuidava dele pensando que era feitiço e tal, mas ele que tinha, a mulher que tava falando ai meu estômago tinha traído o marido, tava esperando um filho de outro, eu sei que chamaram o pajé, eu sei quem descobre tudo vem ser a feiticeira, então eu fiquei impressionada com esse cordão dessa dessa brincadeira, o Cordão da Feiticeira e quando eles anunciavam para mim lá em Fortalezinha, eles diziam:

_ Olha! Tá chegando o Cordão da Feiticeira, mas eles anunciavam assim como uma, como se fosse uma coisa maior, tanto que criou em mim uma expectativa muito grande sabe, pela ênfase que eles davam Cordão da Feiticeira, porque ela vai aparecer ninguém sabe quem é, ela aparece e depois ela e depois ela se encosta atrás da pessoa, cuidado que essa pessoa vira feiticeira, eles falavam para mim e nada disso aconteceu.

(Isso é um jogo, é um cordão, tipo um jogo).

⁶⁷ Cordão: “grupos de foliões com roupas de fantasia, cantando e dançando, mais ou menos ritmicamente durante os três dias do carnaval ou de certas festas tradicionais religiosas: São João etc... O étimo dirá que a forma primitiva seria o desfile a um porfundo, numa corda que aumentava e diminuía, segundo a cadência ou animação coreográfica. Não há tipo musical ou dança típica para os cordões. Cantam e dançam como desejam.

⁶⁸ Pastorinha ou Pastoril – “cantos, louvações, loas, entoadas diante do presépio na noite de Natal, aguardando-se a missa da meia-noite.

⁶⁹ Pajé – “o pajé é um médico, o conselheiro da tribo, o padre, o feiticeiro, o depositário autorizado da ciência tradicional. Pajé não é qualquer um. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que tem o fôlego necessário para aspirar a ser pajé.

_ Não, eram várias crianças brincando assim, era uma comédia, crianças brincavam, meninos desse lado e desse lado e aqui ficavam as pessoas que tocavam e eles brincavam em roda e no meio se dava toda aquela pantomima⁷⁰ estás entendendo?, o Cordão da Feiticeira de marudazinho e o que eu fiquei mais impressionada que era um diretor de uma escola, que trazia e que aquilo valia, valia ponto para a prova e o que eu achava interessante era a mistura da, da, da dos cantos de macumba tipo assim, eles cantavam é é...

"Na lá praia tem dois navios num deles tem dos faróis
É a esquerda da marinha brasileira Mariana
Na praia dos lençóis" (2x)

Tinha um feiticeiro, tinha essa, esse canto, da, da senhora Mariana né e o seu João da Mata que eles chamavam né e a feiticeira propriamente dito, que a feiticeira era aquela figura que vinha né? É, principal, quer dizer minto, ela não vinha desmanchar eles pegaram a feiticeira para dar uma surra, porque era feitiço que tinha sido colocado na barriga da, da, da mulher, se supunha porque o pajé tirava o objeto da barriga da mulher, mas e... nada mais nada menos do que o filho né, ela tinha traído o marido com outro cara entende então era todo um disfarce que pensavam que era um feitiço e não era um feitiço, era um filho, ela tava prenha de outro, então eu fiquei muito impressionado de ver esse trabalho, deles terem preocupação de divulgar a um pouco de folclore de Marudazinho em outros, em outros povoados né?

Pegando barco, de tal, indo, fazendo apresentação aqui e acolá e de vez em quando passavam o chapéu entre nós pra a gente colocar alguns trocados né? Para ajudá-los nos deslocamento dessas crianças né, então isso que eu tô colocando é um adendo dentro da questão das histórias que se passam por lá né.

(E dona Graça a senhora falou desse Igarapé, esse Igarapé tem nome, onde aparece o Matintapereira?)

_ Olha eu não procurei saber não, ele nem existe mais porque não existe mais porque ele foi tomado pelas areias, ele não existe mais esse Igarapé né, que você sabe a

⁷⁰ Pantomina – “representação teatral por meio de mímica. Muito popular no império romano, foi adotada pela comédia dellarte. Na Inglaterra desenvolveu-se numa forma peculiar, durante o século XVIII.

natureza, ela é muito dinâmica e então, a areia, o vento soterrou né o Igarapé, ele não existe mais.

(_ E quando a senhora falava do fogo, esse fogo que aparece em Marudá né? E tem nome tem nome do fogo assim).

_ Olha Iara até um tempo desse eu sabia o nome dele que eu até falei pra ti, Fogo Santelmo né, Santelmo, Fogo Santelmo, eles, eles davam o nome de Fogo Santelmo Marudá né, parece sempre na praia dos pescadores, né, então são essas histórias assim que eu sei, que eu ouço todos os dias né, assim de algumas vezes, algumas vezes as pessoas estão contando, eu estou ouvindo né.

Eram as coisas que a gente também né? É uma premonição, não sei se a palavra tá certa.

(_ Premonição) _ Premonição né, eles dizem o seguinte que o dia que Algodual se transformar em cidade Marudá vai ao fundo, eles falam isso sabe? Porque Algodual ela é..., ela, ela pertence ao município de Maracanã, mas a vida social toda é com Marudá então eles tem assim o maior, não sei se é uma rivalidade é, é... proposital né, mas eles se ressentem de Algodual, o pessoal de Marudá eles sempre dizem que o dia que Algodual for cidade, Marudá vai ao fundo né? É... eu, eu não me interei muito por esse assunto né, aí eles me falaram também da cidade né que eles vêem os pescadores na pedra do Cantagalo antigamente eles ouviam o cantar de galo, buzina de cano tá? A como se tivesse uma cidade toda e luz muito tempo atrás em Algodual né?

AC1 CZ cr 13/08/93 XXVI

A ILHA DE MAIANDEUA

Inclusive uma das coisas que me impressionou muito quando eu fui em Vigia entrevistei um senhor, entrevistei não, conversei com senhor lá, ele é cego, mas ele não é cego de nascença, não sei se ele ainda existe, é em Itapoã, do outro lado da Vigia, aí ele disse, ele via lá em Vigia é, em Itapoã todas as noites né passar um, um cavalo marinho, um cavalo enorme ele me falava sobre isso e me falou o seguinte, eu perguntei porque é que ele ficou cego né se era de nascença, ele disse que não que ficou cego o seguinte. Quando ele tinha 15 anos ele e o pai dele pescavam, era pescador, então o pai dele sempre avisava para ele:

_ Olhe meu filho não vá pescar pro lado de Maiandeuá e que a ilha onde se, Fortalezinha e Algodal aí todo dia.

Tu sabe as proibições aguça a curiosidade né, aí ele pegou um dia a canoa e veio pescar pra Ilha de Maiandeuá que saltou da canoa e viu um monte de mulheres na frente, mulheres loiras, na Ilha toda iluminada, ele teve um desmaio né, aí procura pra cá, procura pracolá, os pais e tal aí encontraram ele, depois de quase quinze dias né, encontraram ele e aí ele estava completamente cego, viste então ele achava que era castigo, que ele tinha sofrido algum castigo das mulheres que ele viu na ilha de Maiandeuá.

(_ Era um encanto).

_ Era um encanto sabe ele achava isso, ele nunca mais viu.

(_ Nunca mais!).

_ Enxergou, nunca mais enxergou desde a idade de 15 anos, de uma dor de cabeça ele nunca mais enxergou.

(_ Era proibido viajar para Maiandeuá?).

_ Pra pra ilha de Maiandeuá até hoje o pessoal diz que ela é uma ilha encantado, Maiandeuá ().

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CASCUDO, Luis da Camara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1988. 6ª ed. p. 250, 569.
- MONTEIRO, Walcir. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: CEJUP. 1985, p. 19.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. Currallistas e Redeiros de Marudá, pescadores do litoral do Pará. Belém: MPEG. 1987, p. 208.
- GUERRA, Antônio Teixeira. Dicionário Geológico – Geomorfológico. Rio de Janeiro. IBGE, Rio de Janeiro, 1978, p. 274.
- SOUZA, Bella P. de. Peixe e Pesca no Pará. Belém, MPEG. 1987, p. 12.
- Manifestações Folclóricas Coletadas pelo Prodi-Arte. Governo do Estado do Pará. SEDUC, p. 17,42.
- Dicionário Tudo. Ed. Abril, p. 959.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS EM ARTES
PROGRAMA PESQUISA: O IMAGINÁRIO NAS FORMAS NARRATIVAS ORAIS
POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE.

I.

TIPOLOGIA DO INFORMANTE:

NOME: Elza Cardoso Rodrigues

IDADE: 63 anos

FORMAÇÃO: 1º Grau

PROFISSÃO: Aposentada

ORIGEM: Belém

ENDEREÇO: C/N I WE 11 nº 322 B. Coqueiro

II.

ENTREVISTADOR:

NOME: Andineia Rodrigues

INSTITUIÇÃO: UFPA

DATA: 26/06/93

III.

CÓDIGO: N

Código Informante: 036

N02 Con 15/10/93 - I

De volta já que ele foi, eram umas seis e meia, e aí, tinha uma, bem na boca do rio que nós morava,⁷¹ que nós morava assim em cima, mas eles estavam bem naquele..., aí ele chegou assim bem perto da casa de um senhor, que morava bem na porta e aí foi quando uma deparou com ele, ele olhou e viu aquela tocha assim acesa, já estava mais escuro do que..., aí ele pegou, ficou olhando e diz ele que aquilo vinha muito veloz né! E aí ele foi prestar atenção né, aí o compadre Juraci pegou chamou, chamou ele e disse:

_ Olhe seu Plácido! O que é aquilo? Ele disse:

_ Eu não sei o que é rapaz! Eu estou espiando, mas eu não sei o que! Mas eu acho que é uma canoa grande, ele falou, uma canoa de vela né! Aí ele disse:

_ Não! não é! vem muito veloz! E a maré está parada!

Aí ele pegou, ficou lá conversando, entreteu, e quando ele, parece que a bicha abisputou⁷² ele né! aí ela deu-lhe uma carreira assim..., aí ele se voltou, quando ela voltou ele pulou prá terra, aí puxaram o casco e ele saiu prá terra, ela cercou a noite toda ele.

_ (Toda a noite?).

_ Foi! Nós ficamos parece doidas em casa, ninguém sabia o que fazer né! porque ele tinha ido prá lá prá casa Leão! Tinha ido comprar farinha prá nós, que não tinha, mas a valença que a mamãe tinha ainda um pouquinho numa latinha guardada, foi o que nós comanguemos,⁷³ aí ele ficou lá preso, quando ela foi sentar era umas cinco horas da manhã(), que ela foi sentar e aí ela sentou, aí quando foi umas seis horas a mamãe já vinha procurar etc, aí foi quando a mamãe veio procurar ele, já se encontraram em viagem, ela ia andando, aí ela pegou perguntou o que era, aí ela contou, é por isso que eu digo que se dá sim dessas coisas se dá sim!

00 - dona Maria é filha do seu Plácido; mora no início do Igarapé do Combú, o local é muito calmo e isolado, chega a ser um pouco sombrio, devido a tranquilidade, não se pode chegar lá a remo devida distância. È a grande tecelã da ilha, dizem que já fez trabalhos de cestaria e chapéus para o Greenpeace.

⁷¹ A informante tem sotaque de cabocla, a pronúncia da letra U é bem forte.

⁷² Significa ver. Ex: parece que a bicha viu ele né!

⁷³ Significa comer.

N02 Con 15/10/93 - II

Uma vez eu ia atravessando de lá de casa, ia pra lá pra uma casa de uma vizinha, ela gritou para mim, era largo o rio, mas a gente gritava uma para outra né,⁷⁴ aí ela gritou, era Antônia o nome dela, ela gritou:

_ E Maria! E Maria! Tu quer ir pegar camarão comigo? Vamos embora! Eu disse:

_ Vamos embora! Peguei disse:

_ Mamãe a Antonia tá gritando pra mim ir pegar camarão com ela! Ela disse:

_ Então vai minha filha!

_ Eu peguei o pussar,⁷⁵ mudei minha roupa, passei a mão no paneiro e vim embora, atravessei né! A maré estava vazando, então a casa deles ficava assim (sentada, um pouco inclinada no banco, estava os dois braços, o esquerdo um pouco recolhido e mais baixo que o direito; gesticula com as mãos demonstrando espaço) e a nossa ficava assim, mal..., não era defronte mesmo, aí atravessei pra lá direto, aí eu vi aquilo assim andando longe parece um meretizeiro (aponta com a mão direita para frente, como se estivesse vendo alguma coisa) aí eu vi aquilo vinha andando, que quando eu aproximei assim para a banda do meio do rio ne! aquilo aligeirou! Aí foi que quando eu vi, foi quando eles gritaram de lá.

_ Maria rema! rema que lá vem a cobra! Lá vem a cobra!

Que eu olhei para trás, ela vinha, aí ela vinha foi perto de mim, aí eu remei! Remei! Remei! Que vale é que a canoa era boa de remo sabe! (sentadas inclinada com o pé esquerdo suspenso no banco, o direito descansando normal no solo, gesticula muito com as mãos e balança o corpo) aí ela vinha, aí que quando eu alcancei a beira, eu já estava muito cansada, aí eles pularam na canoa, tiraram a corda, amarraram, ela ficou rampiando⁷⁶ lá, bem que frente, aí ficou lá! Ficou, depois que ela foi embora, a maré já estava enchendo já, saiu ela sentou, ela foi embora, depois ela se jogou assim. (Sentada eleva os dois braços, o esquerdo ajudando o direito, com a mão esquerda pega no cotovelo e ajuda o antebraço direito que está na vertical, a mão em forma de concha, atira

⁷⁴ É comum entre a população ribeirinha, se fazer ouvir do outro lado do igarapé, fazendo sons.

⁷⁵ Utensílio usado na pesca do camarão, espécie de rede.

⁷⁶

o braço no espaço fazendo sinal de mergulho) dentro d'água e sentou, por que lá onde nós morava tinha muito isso!

_ (Como é? Ela fique em pé! É?).

_ Ela vem em pé, deitando de qualquer maneira, tem vez que ela pula assim (repete o gesto anterior) e se joga, quando ela beira, ela beira bem em pé (eleva só o antebraço direito e faz sinal de mergulho) e aí ela se joga dentro d'água, aí ela fica lá deitada (relaxa os braços), parece um meretrizeiro grande, tem vez que não, ela vem bem em pé mesmo! () Aquelas galharias assim (eleva as mãos perto da boca e com o dedo indicador traça um caminho passando por nariz, olhos, testa, parando um pouco acima da mesma) parece aquele... é o chifre dele ou os dentes dela, disse que varam e aí fica o chifre da cobra, tal onde nós morava tinha muito desses bichos!

_ (Onde é que vocês moravam?).

_ Nós morava lá no Tucupi Grande!

_ (Ela aqui também?).

_ Não! Lá pra São Sebastião da Boavista!

_ (Não é aqui no Combú?)

_ Não! é pra lá! Pra São Sebastião da Boa Vista! É lá que nós víamos dessas coisas, tem é muito!

_ (Interessante!).

N02 Con 15/10/93 - III

O irmão daquele rapaz que mora ali com o parão,⁷⁷ com o João, etc..., não sei se estava lá, o Lenon estava lá?⁷⁸

_ Não!

_ Não! Pois é, ele foi, ele morava aqui em cima (sentada, aponta para a porta, na direção do início do igarapé), aqui em cima parece, o ele estava aqui conosco..., sei que ele foi apanhar açaí, ele tomava conta do lado de lá da igarapé (eleva o antebraço direito na vertical e aponta para o outro lado do igarapé, através da porta, com a costa da mão), aí quando nós vimos ele varou com essa... uma cachorra que nós tínhamos grande, aí ela achou sabe! ela começou a acuar, ela e um cachorro velho, aquele que estava lá na ponte⁷⁹ (aponta com o indicador direito, através da porta, para em frente), aí começou acuar lá num pau, começou acuar! Aí ele foi pra lá, ele viu! Era um sucuriju, um sucuriju que tinha a grossura desse pequeno! (aponta com um indicador direito para o sobrinho dela, que estava sentado na porta da casa) que tinha a grossura dele, o bode⁸⁰ é grosso né! Ele é baixinho, mas ele é grosso (junta os dois braços ao corpo, encolhe os antebraços e serra os punhos, fazendo sinal de força), e, e aí ele pegou começou a espiar né! Valdinei vai botar meu filho, o papeiro no fogo pra mim!⁸¹ E começou a expiar la, e aí, até que ele viu, ela estava dentro de um pau podre..., e ela estava lá, de vez em quando me sumia uns patos aqui, quando eu criava pato do seu Eugenio, me sumia pato, lá dentro onde ela estava, já era o lugar dela lá né! Tinha osso de tudo quanto era bicho! É! É um pau grande assim né! (estica os braços, fazendo sinal de distância) e aí o buraco grande né! Lá ela dormia! Aí ele vem embora! Era assim mesmo, a maré grande como essa agora! Ele veio embora de lá com medo, aí chegou aí ele gritou!

_ Ei titio! Ei titio! Aí, me atravessa aqui, titio!

O tata⁸² foi pra lá, atravessou ele, disse:

_ Rapaz! O que tu estás fazendo? Ele disse..., por aqui? Por que tu não vieste por ali? Ele disse:

77

78

79

80

81

82

_ Não titio! Eu não vim por lá, porque eu fiquei com medo de atravessar! Ele disse:

_ Porque? Ele diz:

_ Ah titio! O cachorro achou uma enorme de uma cobra ali, mas não sei que cobra é! Aí ele foi, o tatá embarcou com ele! Saíram pra lá, chegou lá, levaram o machado, chegou lá, ele furou o pau, ela tinha esta grossura (eleva as mãos e faz um círculo grande no espaço, as mãos em forma de concha), eles tiraram certinho a medida da cobra né! Num cipó! E dava certinho nisso dele (sentada, leva as mãos até a cintura, depois leva as mãos até as costas e traça um círculo com os indicadores pela cintura e pára no umbigo), atracava benzinho nisso dele! E aí o tatá meteu-lhe o machado! Meteu-lhe o machado! Meteu-lhe o machado! Tinha não sei quantos ovos! Parece que era 40, 40 ovos parece!

_ (Dela?).

_ Estava cheinha de ovos (), ele matou, mais enorme de bicha! Foi sim, de vez em quando nós pegamos na malhadeira⁸³ aqui, bicho grande! Eu tenho medo, eu não atravesso..., esses pequenos tem o costume de atravessar, esse aí! (aponta para o sobrinho dela, que está na porta) pula lá na casa da mãe, de lá vem pra cá, mas quando que eu atravesso dentro d'água, atravesso é nada! Olha os meus tomates como estão!

N02 15/10/93 - I

Ela olha assim (sentada, eleva o antebraço direito na vertical e com a mão direita em forma de concha balança o braço), ela vira o bico diz que, aí diz que mata todinha as plantas, as árvores e mata a pessoa, se ela olhar pra pessoa, pra lá, pra onde elas estavam (dá um meio sorriso).⁸⁴

_ (Só com o olhar?)

_ (Só dela olhar diz que! Ela está no buraco do pau, disse que aí ela, é o bico igual ao de um tucano, diz que pra onde ela faz assim (repete o primeiro gesto e acompanha com a cabeça o movimentos do braço) com o bico, diz que mata todinha as árvores diz que até a pessoa diz que se ela enxergar a pessoa ela mata, essa que é a mais arriscada né!

_ (Como é o nome dela?).

_ Cobra tucano diz que! Diz que ela mata, diz que a pessoa! eu que não queria morar pra lá! Pra onde elas moravam! Que podia olhar assim e matar né! Já pensou não! A pessoa caía assim e nem saber do que morreu!

⁸⁴ O marido da informante interrompe.

N02 15/10/93 - I

O cara namorava uma menina é..., e a outra estava afim dele, mas ele não queria porque era idosa, era idosa, a outra era novinha, ele não ia trocar uma nova por uma velha, aí toda noite que ele ia pra lá! Quando ele vinha, aquela porca saía pra querer comer ele, ele disse:

_ A filha da mãe! Tu vai me pagar! Vou te matar!

Quando foi um dia, ele arrumou um punhal, sabe o que é punhal, sabe?

_ (Sei!).

_ Levou..., foi embora! Quando chegou lá na casa da namorada, ficou batendo papo! Ficou batendo papo! Quando foi umas oito para as nove horas ele veio, ele tinha aquele lugar de vir certo né! Quando ele vinha passando, quando ele viu, lá vem ela (), lá vem ela, a porca () aí, quando ela varou aí ró, ró, ró em cima dele, (sentada, curva-se, encosta a barriga nas coxas, inclina a cabeça para frente e emite o som, a expressão facial e de alguém fuçando, os braços relaxados ao longo do corpo) em cima dele, ele se defendendo! se defendendo! Em cima! Aí ele puxou pelo punhal! Então numa hora assim ela deu sopa, ele socou-lhe aqui nas cadeiras dela! (sentado fecha a mão esquerda e leva até a lateral da coxa esquerda) aí ela deu um urro e saiu pra dentro do mato que foi-se! _ Ah! Filha da mãe! Agora tu vai morrer! Já pensou! Uma punhalada né! Aí chegou na casa dela, pra amanheceu o dia, ela amanheceu doente! Aí pra banda da tarde piorando! Piorando! Piorando! Mas nada do pessoal saber o que era né! Aí ele ficou por lá e logo ele maldou né! Ele disse:

_ Isso foi a porca que eu fíreo! Quero é ver!

Mas também não disse nada né! Ficou calado! Ela foi piorando, piorando, quando foi pra banda da tarde, lá a mulher morreu! E sabe que quando morre assim uma pessoa vão dar o banho né! E que foram lavar ela, pra botar ali... ajeitar né! É que foram dar com a furada, uma furada bem fininha, nas cadeiras dela, na papabada da bunda dela (repete o gesto anterior, passando a mão esquerda aberta abaixo das nádegas), aí disse:

_ Ah! Foi uma furada que ela morreu! Então ali naquele lugar, estava tudo roxo já, pegou logo tétano né! Foi batata! Aí ele ficou trancado só com ela né! Porque já pensou né! Ela morreu, uma mulher de uma facada, mas ele não furou a mulher, ele furou

a porca né! Ficou! Ficou! Passou! Passou! Passou! Depois que ele contou, que era ele que tinha furado uma porca, e era ela, justamente era ela, porque toda noite que ele vinha de lá, ela saía pra querer morder ele, porque ele não quis namorar com ela, e ela queria ele, estava afim dele, mas ele não queria porque estava namorando com a outra e ela saía pra morder ele, estava com raiva né! Foi quando ela se tapou! Ele sentou-lhe nas corredeiras dela!

_ (Era lobisomem-mulher!).

_ Era lobisomem⁸⁵ que vira uma porca né! Que virou uma porca, que virou pra querer morder ele! Quando acaba era ela, que virava lobisomem! E ela morreu! Aí pronto, aí ele ia lá na casa dela, vinha, aí não apareceu mais a porca, já tinha morrido! Como ela ia aparecer! (risos).

⁸⁵ O informante pronuncia “lobisonhe”.